

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA

**O ESTUDANTE SURDO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR
DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS**

SÃO MATEUS-ES

2022

SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA

O ESTUDANTE SURDO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR DO
USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, em São Mateus – ES.

Linha de Pesquisa: Educação

Orientador: Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

SÃO MATEUS-ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

P436e

Pereira, Sergiana Maria da Silva.

O estudante surdo e a produção de subjetividade a partir do uso de contos de fadas em Libras / Sergiana Maria da Silva Pereira – São Mateus - ES, 2022.

96 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2022.

Orientação: prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

1. Contos de fadas. 2. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). 3. Subjetividade. 4. Aprendizagem. I. Thiengo, Edmar Reis. II. Título.

CDD: 371.91

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA

O ESTUDANTE SURDO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação, do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 17 de dezembro de 2022.

COMISSÃO EXAMINADORA



Dr. Edmar Reis Thiengo

Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)
Orientador (a)



Dra. Josete Pertel

Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC)



Dr. Michell Pedruzzi Mendes Araújo
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Dedico este trabalho a Deus, Pai que esteve, está e estará sempre presente em minhas metas e conquistas.

À minha família, razão maior de estabelecer e conquistar meus objetivos.

Aos alunos surdos e seus professores, que as portas se abram para a inclusão em todos os sentidos.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é um sentimento nobre, por isso, agradeço:

A Deus, por todas as oportunidades, principalmente pelo dom maior, a vida.

Aos familiares, que se mantiveram atenciosos, pacientes e carinhosos, no período dedicado aos estudos e pesquisas do Mestrado. Vocês, como sempre, incomparáveis.

Aos amigos e colegas, pelas motivações e auxílios, quando precisei, isso foi muito relevante em todo esse processo.

Aos alunos, que em muitos momentos, mesmo sem saber, foram minha alegria e distração em meio à ansiedade e estresse.

Aos professores, Doutores, do Centro Universitário Vale do Cricaré, por todo o conhecimento partilhado e pela humildade em direcionar os trabalhos, estudos e atividades. Cada encontro era de muito aprendizado.

Ao meu orientador, Professor Dr. Edmar Reis Thiengo. Não poderia ter sido melhor. Por sua paciência, brandura ao corrigir e pelas contribuições. Simplesmente maravilhoso. Sentirei muita saudade.

Aos funcionários do Centro Universitário Vale do Cricaré, por sua atenção e atendimento, fazendo dessa instituição ser o que é, um local de qualidade em tudo o que faz.

A todos os que participaram da pesquisa, pelas contribuições e por colaborarem, foi de grande importância ter vocês comigo.

Os contos de fadas sempre encantaram as crianças e, ainda hoje, continuam a seduzi-las. Esses contos possibilitam reflexões sobre os problemas interiores de seus leitores e auxiliam a construção da subjetividade infantil

(SANTOS e OLIVEIRA, 2016).

RESUMO

PEREIRA, Sergiana Maria da Silva. **O Estudante Surdo e a Produção de Subjetividade a Partir do uso de Contos de Fadas em Libras.** 96 f. Dissertação (Mestrado) Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus-ES, 2022.

A atividade que envolve contar histórias desenvolve a curiosidade, a criatividade e a subjetividade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste estudo, a temática aproxima o desenvolvimento da subjetividade de estudante surdo a partir do uso de contos de fadas em Libras. O problema que se coloca e motiva a busca por respostas é: como o professor de uma escola municipal de Pedro Canário, anos iniciais do Ensino Fundamental, pode colaborar na construção da subjetividade de estudante surdo com uso dos contos de fadas, utilizando a Libras? No alcance por respostas à questão que norteia a pesquisa, o objetivo geral é discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de um estudante surdo, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa, e por consequência, nos demais espaços educacionais. A escolha pelo tema traz como justificativa o conhecimento de uma abordagem com o uso de contos de fadas que possa atender às necessidades de aluno surdo, contribuindo para ampliação dos seus conhecimentos, dando-lhe a oportunidade de desenvolver a sua percepção de mundo, de tudo aquilo que está à sua volta e de interação social, principalmente na relação existente entre professor e aluno. As abordagens sobre inclusão, sobre o trabalho com o aluno surdo, a integração social são apresentadas por Romeu Kazumi Sassaki, Isaías Pessotti, Enicéia Gonçalves Mendes, Marcela Rubia Tozato e outros. A utilização dos contos de fadas em sala de aula e suas vantagens são apresentadas, entre outros, por: Marta Morais da Costa, Fanny Abramovich, Isabel Solé, Emília Ferreiro, Bruno Bettelheim, Magda Soares, Moaci Alves Carneiro, Cléo Busatto, Circe Maria Fernandes Bitencourt. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal, anos iniciais do Ensino Fundamental, de Pedro Canário, utilizando-se questionário direcionado a professor, pedagogo e diretor. A pesquisa indica que a criança, independente de possuir uma deficiência, deve ser estimulada a ler e a ter contato com os contos de fadas para desenvolver sua subjetividade. Após as discussões é apresentado um Produto Educacional, em forma de cartilha, para que outros professores possam ter acesso e conhecerem a relevância dos contos de fadas em Libras na aprendizagem de alunos com deficiência auditiva.

Palavras-chave: Contos de fadas. Libras. Subjetividade. Aprendizagem.

ABSTRACT

PEREIRA, Sergiana Maria da Silva. **The Deaf Student and the Production of Subjectivity Based on the Use of Fairy Tales in Libras**. 96 f. Dissertation (Master) University Center Vale do Cricaré, São Mateus-ES, 2022.

The activity that involves storytelling develops curiosity, creativity and subjectivity in the Early Years of Elementary School. In this study, the theme approximates the development of the subjectivity of deaf students through the use of fairy tales in Libras. The problem that arises and motivates the search for answers is: how can the teacher of a public school in Pedro Canário, in the early years of Elementary School, collaborate in the construction of the subjectivity of a deaf student with the use of fairy tales, using Libras? In reaching answers to the question that guides the research, the general objective is to discuss how the use of fairy tales can collaborate in the construction of the subjectivity of a deaf student, providing opportunities for their inclusion in Portuguese Language classes, and consequently, in other spaces educational. The choice for the theme is justified by the knowledge of an approach with the use of fairy tales that can meet the needs of deaf students, contributing to the expansion of their knowledge, giving them the opportunity to develop their perception of the world, of everything. what is around them and social interaction, especially in the relationship between teacher and student. Approaches to inclusion, work with deaf students and social integration are presented by Romeu Kazumi Sassaki, Isaías Pessotti, Enicéia Gonçalves Mendes, Marcela Rubia Tozato and others. The use of fairy tales in the classroom and its advantages are presented, among others, by: Marta Morais da Costa, Fanny Abramovich, Isabel Solé, Emília Ferreiro, Bruno Bettelheim, Magda Soares, Moaci Alves Carneiro, Cléo Busatto, Circe Maria Fernandes Bitencourt. The research was carried out in a municipal school, in the early years of Elementary School, in Pedro Canário, using a questionnaire addressed to the teacher, pedagogue and director. Research indicates that children, regardless of having a disability, should be encouraged to read and have contact with fairy tales in order to develop their subjectivity. After the discussions, an Educational Product is presented, in the form of a booklet, so that other teachers can have access and know the relevance of fairy tales in Libras in the learning of students with hearing impairment.

Keywords: Fairy tales. Pounds. Subjectivity. Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 INCLUSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL: UM POUCO DE HISTÓRIA	16
2.2 OS CONTOS DE FADAS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	22
2.2.1 A utilização dos contos de fada e a motivação à leitura	23
2.3 USO DOS CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO	28
2.4 CONTOS DE FADA UTILIZANDO A TECNOLOGIA	36
3 PERCURSO METODOLÓGICO	40
3.1 INSTRUMENTO PARA PRODUÇÃO DE DADOS	41
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA	42
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	45
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	47
4.1 PROFESSORAS REGENTES NO 2º ANO	47
4.2 A PEDAGOGA E A LEITURA E OS CONTOS DE FADAS	50
4.3 A ESCOLA E O ALUNO SURDO SOB A ÓTICA DA DIRETORA	52
5 PRODUTO EDUCACIONAL	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	62
APÊNDICE A:QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AOS PROFESSORES	62
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AO PEDAGOGO	63
APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AO DIRETOR	64
APÊNDICE D: PRODUTO EDUCACIONAL	65
ANEXOS	88
ANEXO A: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS PROFESSORAS	88
ANEXO B: AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA	92
ANEXO C: AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA	93

1 INTRODUÇÃO

Posso dizer que sempre fui muito curiosa, em relação a tudo, de uma forma geral e, por esta característica pessoal, sempre gostei muito de ler. Percebi, desde cedo, que a leitura é um caminho aberto para o conhecimento, próprio, autônomo, apesar de minha família ter poucas condições financeiras e, portanto, o acervo de livros e materiais de pesquisa serem limitados. Mas isto nunca foi fator de impedimento para calar a minha curiosidade, portanto, pedia livros emprestado ou retirava em bibliotecas da comunidade onde morava. Sempre tive certeza de que estudaria para ser professora. Nunca houve dúvidas a este respeito.

Iniciei minha carreira profissional em 2010, com uma turma do Projeto Alfabetização para Jovens e Adultos.

Em 2016, trabalhando em duas instituições de ensino, uma privada e a outra Estadual, fui indicada por uma colega a assumir aulas em uma escola de assentamento no estado como Professora intérprete de libras. Aceitei o desafio e foi um período extremamente significativo, onde houve o estabelecimento de uma parceria com os professores na busca de qualificar o processo ensino- aprendizagem.

Em 2017, na mesma instituição, cedida em tempo integral, assumi a sala de recursos como instrutora de libras. Os desafios agora me pareciam bem maiores e confesso, tive momentos de incertezas, se seria capaz de vencer os desafios que esperavam por mim.

Com o apoio e receptividade que tive da comunidade escolar, pais e alunos, adquiri segurança para atuar na função durante quatro anos. Este foi um período marcado cotidianamente por desafios enfrentados com muita humildade, seriedade e responsabilidade, afinal, acreditavam no meu trabalho e na minha capacidade de transmitir o conhecimento. Sei que levei muitas saudades, mas sei que também deixei boas lembranças.

Concomitante a esta função, na Secretaria do Estado, trabalhei até o ano de 2020 e aguardo a chamada de designação temporária (DT), como professora Intérprete de Libras, no Ensino Médio.

Em 2012, concluí o curso de Graduação em Pedagogia. Recentemente finalizei uma pós-graduação na Educação Especial Inclusiva com ênfase em surdez/libras e atualmente curso a Faculdade de Letras Libras. No mesmo período, me escrevi a participar da seleção para o Mestrado e fui aprovada. Aceitei outro grande desafio e

sendo aprovada, iniciei em 2021 o curso de Mestrado em Educação pela Faculdade Vale do Cricaré, cumprindo os créditos necessários e qualificando o projeto de dissertação.

Em toda minha trajetória profissional na docência e como intérprete de Libras (apesar de não ser tão longa), constatei que maior do que as dificuldades e perspectivas do professor regente estão as dos alunos surdos, em relação à complexidade em estar alfabetizado e letrado na língua materna (Língua Portuguesa) e na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mesmo estando no Ensino Fundamental II. Conforme Dizeu e Caporali (2005) a aprendizagem linguística dos surdos se baseia na questão de que a sua primeira língua é a de Sinais e a segunda, a de sua origem, no caso de brasileiros, a língua portuguesa. Nesse sentido,

A proposta de educação bilíngue para surdos vem sendo amplamente discutida. Nesta, o sujeito deve adquirir a língua de sinais, como primeira língua, de forma natural e uma segunda língua, a língua da sociedade ouvinte majoritária (oral e/ou escrita), construídas por intermédio das bases linguísticas obtidas por meio da língua de sinais (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 1).

Alguns aspectos podem atrapalhar processos de ensino e aprendizagem dos alunos surdos, como: a inclusão em turmas regulares despreparadas para acolhê-los em razão da sua deficiência, pois não sabem como proceder; falta de comunicação, uma vez que os alunos desconhecem a Libras; despreparo dos docentes regentes no trato com o aluno surdo; desconhecimento ou mesmo analfabetismo do aluno em relação à língua materna. Essas e outras situações inibem a participação dos alunos com deficiência auditiva e o que causa mais defasagem ainda em sua aprendizagem.

Libras e a inclusão do estudante surdo no ensino regular é um assunto importante e deve ser pesquisado e trabalhado nas escolas, a fim de promover a sensibilização sobre essa temática, pois os professores continuam bem divididos quanto ao entendimento do que representa a educação inclusiva, uns acreditam, ser ainda a aceitação de alunos deficientes em sala de aula comum, enquanto outros, vindo ao encontro do estudo, estendem a educação inclusiva como a percepção e valorização das diferenças, num sentido de diversidade, multiculturalidade.

Uma das possibilidades de construção de uma escola inclusiva é a aproximação dos sujeitos (comunidade interna e externa), diante da descentralização do poder, a municipalização pode proporcionar a aproximação da comunidade e da escola. Sendo a gestão escolar democrática e participativa responsável pelo

envolvimento de todos que, direta ou indiretamente, fazem parte dos processos de ensino e aprendizagem. Assim, o estabelecimento de objetivos, a solução de problemas, estruturação de planos de ações e a sua execução, o acompanhamento e a avaliação são responsabilidades de todos. A gestão escolar democrática e participativa proporciona à escola se tornar mais ativa e suas práticas devem ser refletidas na e pela comunidade.

A participação e inclusão, em educação, é muito mais do que dialogar, é um processo lento, conflituoso, em que conhecer os conflitos e saber mediá-los torna-se fonte de grande importância. Por isso, é necessário ouvir pais, comunidade e órgãos de representação. Esses são caminhos que devem ser trilhados a fim de garantir a educação inclusiva. Dessa forma,

[...] a prática pedagógica da contação de histórias pode ser desenvolvida junto à nova cultura tecnológica, o ciberespaço, que permite a formação de comunidades virtuais, possibilitando uma experiência social diferente [...], mas não menos interativa que os meios. Contar histórias é um dos hábitos mais antigos, inerentes à humanidade e tão velho quanto resistente. As mudanças que essa prática vem sofrendo nos últimos quinhentos anos correspondem a uma mudança da capacidade do ser humano narrar algo (BUSATTO, 2016, p. 92).

Assim, contar história, além de distrair e motivar os alunos na fase de alfabetização e letramento, favorece a comunicação, pois o professor e o intérprete de Libras se configuram como emissores e os alunos surdos e não surdos são os receptores, no que se estabelece como processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Busatto (2016), narrar não é um ato simples e banal, é uma arte que requer preparo do educador. A contação de histórias tem como protagonista principal a palavra – em que o ouvir leva ao imaginar e o narrar deve encantar.

A dificuldade maior de um surdo é a comunicação, pois a maioria dos profissionais de educação e sociedade desconhece a Língua de Sinais. Assim, com a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a divulgação e implementação de ações voltadas, principalmente, à inclusão social e fizeram parte das conquistas beneficiando a condição do deficiente auditivo, algo está sendo modificado, pois a LIBRAS foi reconhecida como a língua da pessoa surda, e assim, diretrizes, decretos vão sendo feitos e postos em prática, assegurando uma vida digna de cidadãos brasileiros. Nesse sentido,

As políticas educacionais deverão levar em conta as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a

importância da linguagem dos sinais como meio de comunicação para os surdos, e ser assegurado a todos os surdos o acesso ao ensino da linguagem de sinais de seu país (BRASIL, 2002, p. 30).

O problema de pesquisa se direciona ao seguinte questionamento: como o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental pode colaborar na construção da subjetividade de estudante surdo com uso dos contos de fadas, utilizando a Libras? Em relação à subjetividade a que se enfocará, Pessoa (2015) a desenvolve a partir de Vigotski e da linguagem enfatizada por ele.

No alcance por respostas à questão que norteia a pesquisa, busca-se, de forma geral, discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa, e por consequência, nos demais espaços educacionais. Salientamos que essa pesquisa, foi desenvolvida em escola de anos iniciais do Ensino Fundamental, de Pedro Canário, utilizando-se de recursos que auxiliaram a produção de dados.

Assim considerando, de forma mais específica, objetiva-se:

- Averiguar como o professor identifica o aluno enquanto pessoa surda e promove e sua integração e inclusão;
- Discutir a produção de subjetividade da criança surda a partir do uso de contos de fadas em libras;
- Verificar como a equipe pedagógica (pedagoga e diretora) auxiliam o trabalho do professor em relação ao ensino-aprendizagem;
- Propor uma cartilha didática contendo orientações aos professores em como utilizar um conto de fadas em Libras, de forma a incluir estudantes surdos nas aulas de língua portuguesa.

Em tempos de pandemia, o uso dos recursos digitais levou os professores a buscar novas estratégias e meios para se alcançar a atenção, participação e aprendizagem dos alunos, por isso, o entendimento de que a contação de história em Libras seja uma opção viável.

E isso, apenas é possível se tal desenvolvimento for construído através de uma prática educativa divertida, de encantamento e de magia. Pois é fundamental que cada aluno tenha a oportunidade de desenvolver todas as suas potencialidades, sejam elas: pessoais, físicas, comportamentais, sociais ou intelectuais.

Azevedo (2007, p. 82) ressalta que os “homens em conjunto produzem um

ambiente humano, com a totalidade de suas formações socioculturais e psicológicas”. Nesse sentido, a socialização se estabelece a partir da subjetividade de cada um. A exemplo disso, em sala de aula, o grupo é heterogêneo, em que cada aluno tem suas peculiaridades, suas características, forma de pensar e de agir e isso constitui a turma e faz com que os professores busquem atuar respeitando cada indivíduo.

Diante da problematização deste estudo, podemos notar que o uso dos contos de fadas no contexto educacional, possui benefícios pedagógicos, onde possibilita o professor a conduzir os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental ao processo de aprendizagem.

O estudo está voltado para a educação e a inclusão tendo, como tema central, o uso de contos de fadas através das metodologias tradicionais e mídias, como uma importante ferramenta pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Entende-se que é muito mais adequado que o aluno surdo ingresse na escola regular ainda na infância e seja alfabetizado em Libras, que é sua língua primeira (L1) e também em português, como segunda língua (L2) . Nesse processo de alfabetização, a contação de histórias é uma importante ferramenta na motivação à leitura e ao letramento.

O “surdo não é mais visto como aquele cuja falta de audição significa ineficiência” (KOJIMA; SEGALA, 2000, p. 6), mas sim como um ser eficiente que se desenvolve integralmente e se comunica por um outro canal tendo, conseqüentemente, uma outra Língua.

A escolha pelo tema traz como justificativa o conhecimento de uma abordagem com o uso de contos de fadas que possam atender às necessidades de aluno surdo, contribuindo para ampliação dos seus conhecimentos, dando-lhe a oportunidade de desenvolver a sua percepção de mundo, de tudo aquilo que está à sua volta e de interação social, principalmente na relação existente entre professor e aluno.

A relevância do estudo também está na oportunidade de o professor planejar e desenvolver a utilização dos contos de fadas em sala, onde os alunos surdos e não surdos possam comungar dessa aprendizagem. Principalmente porque ela contribui com a formação e desenvolvimento de sua subjetividade.

Para melhor compreensão de cada etapa do estudo, esta dissertação foi estruturada em capítulos que melhor a descrevem.

A introdução é o primeiro, onde apresentamos um pouco de nosso memorial

pessoal e profissional, a temática, seus objetivos gerais, específicos, a justificativa e o trabalho em si.

No segundo capítulo, desenvolvemos o referencial teórico em que autores renomados e que pesquisaram o TEA e os subtemas são referenciados. Os subcapítulos abrangidos são: Inclusão como prática social: um pouco de história, em que as abordagens nos levam à reflexão de como ela deve ocorrer e sobre o papel de cada sujeito na escola, em sua abordagem. A construção da subjetividade infantil através dos contos de fadas destaca o quanto o professor pode contribuir com essa atividade para que os alunos tenham a subjetividade desenvolvida, podendo se colocar no lugar das personagens, compreender a história e inferir sobre ela, bem como desenvolver críticas e associá-las à vida real. Assim o uso dos contos de fadas e a motivação à leitura são meios possíveis e relevantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que a fantasia e a imaginação criativa despertam a aprendizagem da criança.

O subcapítulo "Uso dos contos de fada na educação" ressalta o quanto essa utilização é importante para os alunos com deficiência, em especial, aqui, os surdos. No último subcapítulo, Uso dos contos de fada empregando os recursos tecnológicos, mostramos que a tecnologia pode ser trabalhada com metodologias mais tradicionais, basta o professor planejar e agregar as duas de maneira eficaz e criativa.

O capítulo 3 envolve o Percurso Metodológico, em que apresentamos qual o instrumento utilizado para a produção de dados, que foi o questionário. Relatamos sobre o ambiente da pesquisa, no caso a escola participante e finalmente sobre os participantes da pesquisa, que foram as professoras regentes, a pedagoga que a acompanha e a diretora da instituição.

No quarto capítulo, apresentamos e fazemos uma análise dos dados produzidos, envolvendo a ratificação do que tratam alguns autores sobre o que se constatou.

Finalmente, no capítulo 5, surge o Produto Educacional, uma cartilha que entendemos ser relevante aos professores e pedagogos que ainda não tiveram contato com alunos surdos, mas que podem ter mais adiante. A cartilha não é um manual, ensinando como fazer, mas um recurso de ensino-aprendizagem em auxílio à pesquisa e à prática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de fazermos as abordagens acerca do tema, importa que tenhamos uma visão sobre ideias e pesquisas desenvolvidas por outros estudiosos a respeito da contação de história e de sua utilização na promoção da inclusão escolar. Dessa forma, o banco de teses e dissertações da Capes, na Plataforma Sucupira e nas consultas feitas na Brasil Scientific Electronic Library Online (SciELO) serviram de base para algumas descobertas revelantes.

Inicialmente, buscamos pelo banco de palavras “contação de histórias”, “inclusão”, “anos iniciais do Ensino Fundamental”. Entretanto, percebemos que desta forma a pesquisa se estendia para outros caminhos que não os que desejávamos seguir. Assim, optamos por restringir mais a pesquisa, ou seja, torná-la mais específica, o que nos levou a inserir “a contação de história na promoção da inclusão escolar”, “o uso da ferramenta digital para contar histórias” e “a contação de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental”. Esses bancos de palavras se posicionam de forma mais diretiva e menos aberta a muitas possibilidades.

Sobre os dois primeiros assuntos, não se alcançou pesquisa na Capes, e sobre a contação de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental, também as pesquisas não foram muito favoráveis. O que nos fez perceber que a atividade de contar história pode não pertencer à rotina da sala de aula nesse nível de ensino e bem menos à prática docente, que acaba por priorizar conteúdos ortográficos, de sintaxe e semântica.

A respeito do que as pesquisas mais se aproximaram, temos Cassoni; Pennade-Carvalho; Leme; Marturano; Fontaine, que desenvolveram o tema “Transição escolar nos anos finais do ensino fundamental: revisão integrativa da literatura” (2020). Sua abordagem traz à tona aspectos referentes à transição dos alunos e as produções científicas nesse processo. Em relação à leitura, esta aparece associada à escrita a todo momento, pois a preocupação docente é fazer com que os alunos tenham uma boa bagagem linguística. Geralmente, a rotina de contar histórias é mais praticada na Educação Infantil.

Já em “Livro didático e leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental Nascimento,” esclarece, em sua pesquisa que a leitura literária está longe de se estabelecer nos anos iniciais do ensino fundamental e que o livro didático é um instrumento que contribui para isso, pois as atividades diárias se baseiam em leituras

deste instrumento, enquanto o livro paradidático é menos utilizado pelos alunos e menos motivado pelos professores.

Na Plataforma Sucupira, nenhum dos assuntos referenciados anteriormente foram utilizados em trabalhos publicados, o que nos leva a pensar, mais uma vez sobre a didática das aulas de Língua Portuguesa nos anos iniciais não contemplarem essa atividade.

Finalmente, a pesquisa desenvolvida na Scielo nos levou à constatação de que não houve grande interesse em desenvolver pesquisas na área apresentada, o que nos motiva a prosseguir em nosso percurso de pesquisa, entendendo que a originalidade apenas não basta, mas também a necessidade de indicar a proposta de utilização da contação de história como ferramenta de ensino e aprendizagem e que pode ser aplicada com os anos iniciais do Ensino Fundamental, foco de nossa pesquisa.

2.1 INCLUSÃO COMO PRÁTICA SOCIAL: UM POUCO DE HISTÓRIA

Faz-se necessário observar a deficiência na perspectiva histórica, uma vez que, de acordo com Galvão e Galvão (2015, p. 21), “pode ser que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante [...]”, isso significa que a história passada deve ter o intuito de servir para compreender o presente e modificar paradigmas existentes para o que ainda está por vir.

Sassaki (2017), em seus escritos, resume as práticas sociais cometidas ao longo da história da humanidade. Segundo o autor,

A sociedade, em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a **exclusão social** de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população. Em seguida, desenvolveu o **atendimento segregado** dentro de instituições, passou para a prática da **integração social** e recentemente adotou a filosofia da **inclusão social** para modificar os sistemas sociais gerais (SASSAKI, 2017, p. 16).

O caminho, mesmo que breve, dessas práticas sociais, torna-se necessário, para o entendimento maior das práticas inclusivas, observando que essas práticas citadas por Sassaki (2017) continuam até hoje, mas não com a intensidade de tempos atrás.

De acordo com o dicionário, exclusão significa “afastamento; eliminação”

(BUENO, 2016, p. 338).

A prática social na perspectiva da exclusão se configura como o ato de excluir, de rejeitar, de eliminar (DORSCH *et al.*, 2011). Esse conceito torna-se relevante uma vez que as práticas antigas, relacionadas aos “diferentes”, eram a eliminação através de extermínio, morte ou abandono (PESSOTI, 2014). Dessa forma,

[...] a pessoa com deficiência era considerada dentro de uma categoria de anormalidade, fora da espécie humana, tanto na situação em que era considerada um ser mágico, como na situação em que era vista como uma aberração. Nesse momento histórico, o Mundo Antigo, quando a pessoa com deficiência não era exterminada, vivia à margem da sociedade, não participava da vida coletiva, tinha um papel diferenciado que a excluía do convívio social (GALVÃO; GALVÃO, 2015, p. 8).

Atualmente, essas práticas ainda existem, de forma disfarçada, pela falta de oportunidades oferecidas às pessoas excluídas da sociedade, privando-os de mostrar que são capazes de desenvolver plenamente as funções sociais.

A palavra segregação, conforme Dorsch e outros (2011) está associada à separação de raças. Sendo assim, faz-se mister esclarecer o termo separação que, conforme o mesmo autor, implica numa necessidade de distância emocional e espacial quanto ao ambiente social, que leva ao isolamento, gerando decepção entre os agentes envolvidos. Portanto, a segregação induz à exclusão social, pois não se pode aprender a amar, respeitar aquilo que está distante dos olhos, aquilo que não se conhece.

Essa prática de isolamento começou a ser adotada a partir da idade média, pois com o advento do cristianismo, o homem não podia ser “eliminado”, já que era imagem e semelhança de Deus:

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como “imagem e semelhança de Deus”, ser perfeito, inculcava a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo “parecidos com Deus”, os portadores de deficiências (ou imperfeições), eram postos à margem da condição humana (MAZZOTA, 2015, p. 16).

Os “diferentes” deviam ser recolhidos às instituições, dando condições à família e à sociedade de poderem continuar a vida normalmente. Aranha (*apud* MENDES, 2012) distingue essa fase como paradigma institucional. Dessa forma,

Paralelamente a essa evolução dos asilos, a institucionalização da escolaridade obrigatória passou a tirar muitos casos de crianças que não avançaram na escola regular e fez surgir as classes especiais nas escolas públicas no início do século XX. Proliferaram também as escolas especializadas, como alternativa basicamente a partir das duas guerras

mundiais (MENDES, 2012, p. 62-63).

De acordo com Pessotti (2014), foi no século XIII (Idade Média) que surgiu a primeira instituição para abrigar sujeitos portadores de comprometimento mental, na Bélgica. Esses eram lá depositados e esquecidos pela comunidade social e familiar.

No século XIX, com os avanços científicos e o surgimento das ciências humanas, os “diferentes” passaram a serem “depositados” em casa de abrigos. Aranha *apud* Mendes (2012) caracteriza essa fase como paradigma institucional. Eles deviam ser recolhidos às instituições para que não cometessem atos insanos contra seus familiares e contra a sociedade, ficando em locais isolados, e dando condições à família de poder continuar a sua vida tranquilamente. Nessa época ainda não existia o atendimento social, a ideia era proporcionar ao portador de deficiência um atendimento médico.

Observa-se, atualmente, a segregação em instituições especializadas onde o deficiente é deixado mais a cargo de um atendimento médico e pedagógico, e que são frequentadas por eles até a velhice. Destaca-se que instituições como APAEs e Pestalozzis, estão se estruturando para o atendimento diferenciado, com mais assistência social aos educandos e às suas famílias respectivas.

Acredita-se que as práticas sociais de exclusão e de segregação são extremamente prejudiciais aos portadores de deficiências, pois não lhes dão oportunidades, nem se criam mecanismos para as suas necessidades. Nesse sentido,

[...] um consenso social pessimista, fundamentado essencialmente na ideia de que a condição do incapacitado, “deficiente”, inválido uma condição imutável, levou a completa omissão da sociedade em relação a organização de serviços para atender as necessidades individuais específicas dessa população (MAZZOTA, 2015, p. 17).

A partir do final do século XX, um novo olhar surgiu em torno do portador de deficiência. Observa-se que isso aconteceu devido a várias mudanças ocorridas no âmbito mundial e com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, modificando certos “pré-conceitos” existentes em torno da “deficiência”.

A contribuição das ciências, entre elas, a medicina, a psicologia, a antropologia, a biologia, a sociologia, o serviço social e a pedagogia, ajudaram a compreender melhor o homem e suas habilidades e a observar critérios errôneos em torno do que é certo ou não, do que é normal e patológico, do que pode ou não, entre outros manifestos da ação humana.

De acordo com o dicionário, integração significa “totalização; complementação, adaptação” (BUENO, 2016, p. 441). Observa-se que a integração dos indivíduos com deficiências, tem o sentido de complementar, de adaptar, se esses estiverem prontos para determinado fim, seja qual for.

A integração social, portanto, tem o ideário de inserir na sociedade as pessoas portadoras de deficiências, que conseguiram um nível de competência ajustado com os padrões sociais vigentes, ou seja, desde que esteja preparado a superar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais nela existentes (SASSAKI, 2017). Ou seja, toda a responsabilidade pelas mudanças estava colocada na pessoa com deficiência, sendo que a sociedade e as relações sociais, em geral, não eram sequer questionadas, nada devia ser mudado na sociedade, e sim as pessoas portadoras de deficiências é que deviam adaptar-se a esta sociedade.

Segundo Sasaki (2017), a integração social surgiu em meados da década de 1960, como alternativa contra a segregação social, com enfoque à integração das pessoas portadoras de deficiências na família, na educação, no trabalho e nos demais setores da sociedade. Até então, estes viviam, em sua maioria, isolados em casas assistencialistas, com pouco interesse para o aspecto de incluir essas pessoas novamente na sociedade.

Essa integração é denominada, de acordo com Mendes (2012), como paradigma de serviços. Nesse âmbito,

[...] com base na crença de que as pessoas diferentes tinham o direito de conviver socialmente com as demais pessoas, mas que deveriam ser, antes de tudo, preparadas, em função de suas peculiaridades, para assumir seus papéis na sociedade. [...] Assim, só eram passíveis de integração [...] aqueles que conseguissem se adaptar ao comum, portanto, sem modificações no sistema, sendo que aqueles que não conseguiam se adaptar ou acompanhar os demais eram excluídos (MENDES, 2012, p. 43).

Observa-se que ao tirar algumas pessoas do ambiente segregado e passá-las para o ambiente dos “ditos normais” foi uma grande etapa vencida. Através da história observa-se que as conquistas dos “deficientes”, se deram principalmente por eles próprios, e por seus familiares. Dessa forma,

Inicialmente, as pessoas com deficiências físicas, visual e auditiva começaram a se organizar em associações e movimentos, cujo objetivo servia a busca da cidadania, uma cidadania até então negada. [...] Dessa forma, juntos e fortalecidos, conseguiram se impor diante da sociedade, deixando clara a ideia de que não estariam mais submissos aos mandos e desmandos de alguns, mas passariam a discutir e decidir sobre suas necessidades e sobre as decisões a serem tomadas. Demonstraram, de

forma clara, precisa, objetiva, que aquele que tem deficiência, que tem limitação física ou sensorial, que é diferente cabe indicar os caminhos a seguir para o completo e amplo atendimento às suas necessidades muitas vezes básicas (NEVES, 2012, p. 41).

Dessas reivindicações, a Conferência Mundial sobre os Deficientes (1990), que ficou conhecida como a Declaração de Salamanca: Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial, foi a mais representativa em torno da inclusão social e educacional. Essa foi realizada na Espanha, com a participação de 92 governos e 25 Organizações Não-Governamentais. Expressava “[...] o princípio de inclusão e a preocupação com a garantia de escolas para todos [...]” (TOZATO, 2012, p. 46). Nesse sistema de integração foram anunciadas várias ações, dentre as quais as mais relevantes são:

Os países que participaram da Declaração de Salamanca foram convocados a considerar e a seguir aspectos como:

- O princípio da igualdade de oportunidade;
- Adoção de medidas paralelas e complementares às educacionais, nos outros campos de ação social;
- Inclusão das crianças com deficiência nos planos de educação para todos;
- Especial atenção às deficiências de crianças graves ou múltiplas;
- Consideração da importância da linguagem de sinais como meio de comunicação dos surdos e assegurar-lhes acesso à linguagem de sinais de seus países;
- Coordenação entre os responsáveis pela saúde e assistência social de organizações governamentais e das não-governamentais, etc. (TOZATO, 2012, p. 46-47).

Não se pode negar o fato de que a integração foi um avanço muito grande, principalmente porque se apresentou como primeira alternativa na luta pela não segregação das pessoas portadoras de deficiências. Contudo, é necessário alcançar um nível mais elevado dentro desse contexto, permitindo não apenas a integração dessas pessoas, mas sua total inclusão em todos os níveis da sociedade (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

A integração social na sua ação foi bastante criticada, pois não dava direito há outras pessoas de mostrarem o seu potencial, pois ela não estava preparada. Surgem assim movimentos em prol da inclusão social, mostrando que a igualdade humana está na diferença. É importante salientar que a integração e a inclusão se complementam em torno de seus conceitos e ações (CARVALHO, 2014).

De acordo com o dicionário, inclusão significa “abrangimento” (BUENO, 2016, p. 428). Abrangimento de todos, indiferentes de raça, etnia, deficiência, gênero, entre outros. De acordo com Mendes (2012), a inclusão surge na segunda metade da

década de 1980, dando ênfase a um outro paradigma - o de suporte. O ideário maior, nesse sentido,

[...] era [é] que, além de intervir diretamente sobre essas pessoas, também era [é] necessário reestruturar a sociedade para que ela possibilitasse a convivência dos diferentes. [...] A inclusão estabelece que as diferenças humanas são normais, mas ao mesmo tempo reconhece que a escola atual tem provocado ou acentuado desigualdades associadas à existência de diferentes de origem pessoal, social, cultural e política (MENDES, 2012, p. 64).

O movimento de inclusão tem como ideário que a sociedade deve adaptar-se às necessidades/deficiências da pessoa, garantindo que ela encontre, no ambiente, condições que lhe permitem acessar o mundo ao seu redor, com os mesmos direitos e deveres de qualquer cidadão. Em outras palavras,

A ideia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social (MENDES, 2012, p. 61).

De acordo com Neves (2012), a inclusão vem para mostrar que todos os homens, de certa forma, são diferentes. Portanto, as pessoas portadoras de deficiências, assim como qualquer outro, têm direito a ter uma família, educação, saúde, trabalho e muitos outros benefícios que deveriam lhes ser concedidos pela sociedade, ou pelo estado, de uma maneira geral.

Considera-se, todavia, que este não é um processo fácil, pois a inclusão é algo que deve ser almejado e procurado por toda a sociedade. De acordo com Sasaki (2017), a integração é algo que pode ser determinado legalmente, a inclusão não, pois é uma questão complexa. Apesar de ter uma legislação própria, isso não significa mudança, pois ela aclama mudanças em cada um. Afinal, para que a inclusão aconteça, é preciso modificar paradigmas existentes no cotidiano, enraizados durante séculos de história, portanto não acontece de um dia para outro.

É imprescindível que a sociedade possa acolher a todos, nas suas especificidades, criando caminhos para que cada um possa ser completo na diferença.

Segundo Sacristan (2012), é preciso efetivar ações que promovam ações. Ele sugere que sejam criados espaços onde exista a possibilidade de praticar e analisar a convivência em grupo, onde se discuta sobre a diversidade da raça humana. Essas experiências podem ampliar as possibilidades de convivência harmônica entre os

diferentes grupos sociais, pois resgata as peculiaridades inerentes de cada pessoa, dentro de cada grupo, marcando similitudes e diferenças, permitindo a compreensão de que, de forma geral, todos são iguais na diferença. As instituições sociais aparecem como fatores importantes no favorecimento e manutenção dessas atitudes.

2.2. OS CONTOS DE FADAS E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

A linguagem está associada à subjetividade, diferentemente da língua, que é padrão. Ou seja, a linguagem diz respeito ao uso da língua materna, em que os sujeitos, interlocutores, utilizam na comunicação com seus pares. Desta forma, gestos, neologismos, ruídos, coloquismos e outras formas podem ser utilizadas, para que o emissor possa se fazer compreendido pelo receptor.

Por isso, quando o professor de 1º ao 5º Ano conta uma história de maneira tradicional, os alunos que escutam compreendem de maneira satisfatória. Entretanto, quando na turma há algum aluno surdo, não há, por parte deste a compreensão através desse meio oral de receber a mensagem, conteúdo da narrativa.

Por isso, a Libras facilita a compreensão da atividade, por parte do aluno surdo, oportuniza a socialização e faz com que o professor alcance o objetivo que é a aprendizagem discente.

Na visão de Vigotski (2001), a linguagem é relevante como mediadora constituinte da consciência, o que a torna subjetiva (PESSOA, 2015). Dessa forma, outra justificativa se coloca no sentido de que a contação de história promove a subjetividade do aluno surdo, fazendo com que desperte sua criatividade e possa imaginar a história que está sendo contada, assim como os demais alunos.

Chauí (2013, p. 35) apresenta “a vida social é uma forma determinada de relação de coexistência entre seres humanos em conformidade [...]”, fato que indica que a subjetividade, no âmbito da linguagem, esteja voltada ao sociocultural, muito mais do que ao biológico. Isso porque a partir do momento que os indivíduos vão conhecendo a língua, vão se apropriando da linguagem e organizando, criando meios de interagir com as demais pessoas, elaborando seus próprios códigos, a partir dos grupos sociais que integra.

A aprendizagem baseada na subjetividade, nos contos de fada, assim como em outros gêneros textuais, faz com que a compreensão e gosto pelo texto sejam muito pessoais. É a motivação e prática docentes que podem sensibilizar os alunos a

apreciarem, ou não o que ouvem/leem. Sobre essa aprendizagem subjetiva, Pessoa (2015, p. 103) declara que “A aprendizagem na teoria de Vigotski (2003) se passa através da experiência social que por sua vez torna-se uma mediação entre a linguagem e a ação.”

Esses contos podem ser introduzidos no contexto das aulas dos anos iniciais, onde por meio de recursos tecnológicos, venham a atender as necessidades de aprendizagem e assim, fazer como que o aluno surdo possa interagir com o conteúdo, aprendendo e compreendendo diferentes formas de conhecimentos.

Para Vigotski (2003), a aprendizagem não se dá de forma isolada, os indivíduos necessitam estabelecer interações com outras pessoas, pois “o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento” (VIGOTSKI, 2003, p. 63). Dessa forma, em sala de aula, aluno com deficiência auditiva, aluno sem deficiência e professor podem estabelecer comunicação, interação e aprendizagem respeitando a subjetividade de cada um.

Vigotski, em suas obras, trata a linguagem como forma de interação social, ou seja, os alunos aprendem ao se comunicarem, assim este sujeito é percebido, e não apenas uma linguagem agregada aos fatores biológicos. A subjetividade, dessa forma, é a maneira pessoal, social e também biológica dos indivíduos se comunicarem uns com os outros.

Esta questão assim proposta, visa colaborar com o estudante surdo em diversos sentidos, visto que, a partir do desenvolvimento de sua subjetividade, ele se sentirá em condições de lutar pelos espaços educacionais a que tem direito na sociedade, sentindo-se participante dos espaços em que deseja ser incluído.

2.2.1 A utilização dos contos de fada e a motivação à leitura

A forma de uso de contos de fadas vai ganhando novas roupagens, sendo o caminho para saber proceder diante dessa situação, se tornando um passo importante para que o hábito de ouvir ou contar histórias caminhe junto com o cenário contemporâneo digital.

É preciso destacar que no uso de contos de fadas, o educador não tem que ler por ler uma história, e sim precisa sentir o momento, entrar no clima, se preocupar com a entonação da voz, cativar e encantar os alunos com suas palavras, desde que sejam adequadas para a faixa etária, possibilitando que o educando possa viajar

naquele momento, imaginando estar inserido dentro daquela história que está sendo narrada. Dessa forma,

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos lendo e demonstrando, sempre o intelecto e a sensibilidade (COSTA, 2007, p. 21).

A atividade de contar histórias colabora efetivamente na construção da formação humana começando pela infância, e devendo ser reconhecida no contexto escolar com o objetivo de fortalecer a imaginação, o vocabulário, concentração, a memória, entre outros aspectos relevantes. Nesse sentido,

Para contar histórias o professor tem o apoio de livros, fantoches e outros recursos como o timbre da voz e a entonação, e cabe a ele esticar ao máximo a curiosidade dos alunos em descobrir o que se encontra por traz do mundo mágico das histórias (BAMBERGER, 2005, p. 18).

Para que o instante de contar histórias se torne encantador é preciso que o professor propicie um momento descontraído, mágico, utilizando além de livros para narrar às histórias, demais artifícios como recursos tecnológicos para uma atuação cada vez mais modernizada. Assim,

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... Ler para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] (ABRAMOVICH, 2006, p. 16-17).

Abramovich esclarece a relevância e a prática constante de contar/ouvir histórias, pois assim a criança passa a se tornar um leitor, alguém com motivação para desenvolver esse hábito. Também ressalta que a leitura deve ser para ensinar, bem como para deleite, ou seja, como um momento de apreciar, de se divertir. Nesse sentido, o professor pode tornar o momento de contação de histórias em algo agradável, que as crianças possam ter prazer em participar, visto que “Ler é a resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal” (MENOR *et al.*, 2002, p. 3).

Quando a escola, na pessoa do professor desenvolve o gosto por ouvir e ler histórias, os alunos passam a ter o hábito individual de ler. É nessa hora que ele pode planejar e aplicar atividades que envolvam os estudantes na contação de histórias, onde se tornam responsáveis em escolher o que ler, o que contar, que objetivos

deseja com essas atividades. Dessa forma,

APRENDI que o ato de escrever é uma sequela do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras. [...] APRENDI que, para aprender a escrever, tinha de escrever. Não adiantava só ficar falando de como é bonito escrever; eu tinha mesmo de enfrentar o trabalho braçal (e glúteo) de sentar e trabalhar (SCILIAR, 1995, p. 84).

Para Soares “letrar é mais é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003, p.3).

Para Ferreira e Dias (2002, p. 03) “[...] o acesso à escrita é o único meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual pode ser definido como a capacidade de compreender por que “as coisas são como são” e não pelo status social do indivíduo”. Desta forma, o acesso à escrita permite ao indivíduo, além de “ser social”, a descoberta das relações por detrás das circunstâncias, situações ou coisas, estando, portanto, ligadas à transformação da realidade.

As autoras ressaltam que no âmbito afetivo do ensino da leitura, a escola deveria traçar e alcançar dois objetivos principais quanto a este ensino: aumentar o número de leitores capazes e ampliar o número de crianças e adultos que apresentem motivação e afeto frente a esta atividade, a fim de torná-la satisfatória e frequente no decorrer da vida do indivíduo, e não uma obrigação acadêmica tediosa e passageira.

Solé (2008) também defende que o ensino do código deve-se fundamentar em contextos significativos para a criança e não em situações isoladas e descontextualizadas. Nesse sentido

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda por que a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar a noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível (FERREIRO, 2011, p. 22).

Entendemos como relevante que a literatura deve ser encarada principalmente como experiência e não como um mero conteúdo a ser avaliado. Assim, a avaliação tem como objetivo maior “engajar o estudante na leitura literária e dividir esse engajamento com o professor e os colegas – a comunidade de leitores.” (COSSON,

2006, p. 113).

Para tanto, é importante o “investimento em atividades como debates, exposições orais e outras formas de linguagem oral em sala de aula são fundamentais, ou seja, a discussão é uma atividade tão importante quanto aquelas centradas na leitura e na escrita” (COSSON, 2006, p. 114-115).

As histórias de fadas e de mitos atraíam as crianças, levando-as a se interessarem pela leitura. A consequência desta prática foi o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a ponto do rendimento melhorar também nas outras disciplinas. Sabe-se que um dos grandes problemas dos professores é que os alunos não sabem ler instruções, não entendem o que se pergunta. Além disso, observei melhor entrosamento social entre os alunos e destes com a professora (PAVONI *apud* PREGNOLATO, 2015).

Bettelheim (2013), afirma que a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida, isso por que o autor afirma que todos tendemos a avaliar os méritos futuros de uma atividade na base do que ela oferece no momento.

Os PCN's (1998) refletem imprescindíveis considerações de como o professor pode trabalhar com a contação de história na escola. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016) também coloca a leitura como ponto crucial nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nas atividades sequenciadas de leitura, podem se eleger temporariamente, textos que propiciem conhecer a diversidade possível existente dentro de um mesmo gênero, como por exemplo, ler o conjunto de obra de um determinado autor ou ler diferentes contos sobre saci-pererê, dragões ou piratas ou várias versões da mesma lenda (BRASIL, 1998, p. 155).

Destaca-se a Literatura como uma atividade dinâmica fundamental para a criança, pois através dela desenvolvem-se: a fala, o pensamento, a elaboração dos sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações sociais e para a vida, pode ser um momento tão lúdico quanto uma brincadeira ou um brinquedo.

Pode-se notar o interesse do educando pela brincadeira, e que em cada situação ele assume um papel definido. Brincando, por exemplo, de casinha, de médico, de escolinha, de roda, de amarelinha, de pião, são desenvolvidas suas ações e experiências sociais. Assim pode ser com as histórias presentes no dia-a-dia da escola, elas podem cativar o aluno/criança ou assustá-los, fazer com que não tenham vontade em ler ou ouvi-las.

Ela se faz presente na vida da criança na rua, em casa, na escolinha, nas mais diversas formas e situações, por esse princípio, se dá a sua importância na prática pedagógica.

Percebe-se, no âmbito da Educação Infantil, que a criança busca se identificar com o que lê, seja por parte de um personagem que lhe demonstra firmeza, seja por um personagem que lhe inspira confiança ou sabedoria, seja por outro que lhe indica sensibilidade, entre outros. É muito comum, por exemplo, os meninos se identificarem com os personagens aventureiros, como: o príncipe que salva a princesa, o cavaleiro, o caçador e as meninas se identificarem com as princesas, as personagens belas, que demonstram um desejo próprio; as madrastas que simbolizam a maldade. Nesse sentido,

Príncipes e princesas são personagens de um simbolismo compreensível. Eles representam o indivíduo elevado. No conto de fadas, nada é representado realisticamente, mas de modo figurado; assim, as personagens más não são percebidas como seres vivos, mas como símbolos do mal (ZILBERMAN, 2008, p. 47).

Obviamente que essas preferências não surgem por acaso, há uma infinidade de aspectos que as norteiam, seja por desejar ser o que não são na realidade – o que pode ocorrer com crianças muito pobres ou com algum complexo de inferioridade; seja por se espelharem nos pais ou professores – adultos que toma como referência de autoridade, de posição superior; seja por necessidade de se destacar frente aos colegas – crianças com o ego bem destacado, que são muito mimadas ou “desassistidas” pelos pais. Seja qual for o motivo, a intenção é assumir na história o que lhe agrada.

Constata-se que diversos currículos de instituições de nível superior em Pedagogia no Brasil apontam para um rumo bastante proveitoso, a formação de um pedagogo capaz de se instrumentalizar e modificar a prática que se apresenta até hoje.

Os cursos são bem estruturados, a docência superior é qualificada, os prédios apresentam boas condições, com laboratórios de informática e bibliotecas de primeira linha. Porém, a biblioteca universitária parece se colocar como instrumento distante, estranho e até desconhecido à vida do aluno – daí a necessidade de uma atenção incisiva nesta área de modo que o aluno conheça e passe a utilizar todo o potencial fornecido pela biblioteca.

Paralelamente à prática do letramento, os diferentes tipos de textos precisam

aparecer como objetos de análise em si mesmos, permitindo aos alunos diferenciá-los, conhecer melhor suas funções e características específicas. Para que isso se efetive, não só é necessário que saibam interpretá-los, como também escrevê-los - o que é de fato imprescindível. A expressão pessoal envolvendo cartas, bilhetes, diários e outros, continuam fazendo parte do trabalho de ensino à leitura. Todos esses avanços em relação ao ensino da leitura, na primeira série e principalmente a concepção que se tem hoje sobre a alfabetização, permitem caracterizar o trabalho realizado nas instituições escolares por sua qualidade.

Também é importante lembrar que a preocupação com essa qualidade faz com que os profissionais que atuam na instituição estejam em constante capacitação, a fim de aprimorar cada vez mais as intervenções pedagógicas realizadas e o atendimento às necessidades de cada criança.

Nesse caso, da leitura como trabalho pedagógico, há duas questões a considerar: a organização de uma rotina de trabalho já deve responder ao menos parcialmente a essa questão e a outra é que é preciso criar um tipo de funcionamento para a aula, que dê ao mesmo tempo espaço e resposta para as diferenças de ritmo e textos.

2.3 USO DOS CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO

Os contos são carregados de moral, de valores, de princípios, os quais levam o educando ao desenvolvimento do senso crítico, do psicológico, cognitivo de forma qualitativa. Centra-se nos seguintes problemas que o direcionam – como tem ocorrido, o processo de alfabetização? Tem formado leitores e escritórios assíduos? Quais metodologias tem direcionado o processo de ações didático-pedagógicas na leitura e na escola? Pois bem, o objetivo primordial busca desenvolvimento de leitores assíduos e escritores competentes?

Do ponto de vista etimológico, a palavra fada originou-se da língua latina – *fatum* que significa destino, fatalidade. Logo, fadas, se consubstanciam em seres fantásticos, míticos portadores de uma vasta beleza, possuidoras de poder sobrenatural ou talvez podem ser o oposto, diabólicas, verdadeiras bruxas.

Partindo dessa perspectiva de significância, constata-se o surgimento das fadas na Idade Média, mais precisamente teve origem na literatura cortês e denotavam a presença de um amor mágico e imortal, é o que salienta Coelho (2017

p. 34): “Na maioria das tradições, as fadas aparecem ligadas ao amor, ou sendo elas próprias as amadas, ou sendo mediadoras entre os amantes. A partir da cristianização do mundo, foi esse último sentido que predominou, perdendo-se completamente aquela outra dimensão "mágica", sobrenatural.”

Contudo, um conto pode ou não evidenciar a presença de fadas, mas é característica marcante das histórias encantos e magias, animais falantes, duendes, objetos materiais que ganham vida, plantas inteligentes e falantes, há embates empreendidos entre o bem e mal, são carregados de simbolismos e ricos conflitos, é predominante a busca por uma realização pessoal, além disso, os empecilhos e barreiras presentes no desenrolar do conto formam um ritual de iniciação.

No que diz respeito ao significado costumeiramente oculto nos contos de fadas, há estudiosos que os conceituam como psicodramas da infância que colocam em foco embates de lutas reais, para outros tem a função precípua de levar as crianças mediante os contextos enfatizados, a lidar com seus conflitos interiores, além de servirem de entretenimento. Assim, cada conto, possui um núcleo problemático que faz com que a criança percorra níveis diferenciados que permitem que estas vão gradativamente se autodescobrindo à medida que contextualizam informações.

Portanto, mesmo possuindo um desfecho com núcleo problemático os contos sinalizam um universo maravilhoso, fantástico que parte sempre de uma situação concreta e mexe com o imaginário infantil e com suas emoções.

Pela natureza própria dos contos, por seu cunho folclórico, foi utilizado por diversas sociedades do mundo, marcado inicialmente por uma transmissão – oral e pelo emprego da simbologia. Determinar com precisão a data e local de origem dos contos é uma impossibilidade, pois, antes mesmo da existência da escrita eram utilizados, tornando-se uma tradição em que os pais contavam para os filhos, e assim, foram se propagando de geração em geração. Entretanto, de acordo com Shimidt (*apud* PREGNOLATO, 2015), os temas permanecem praticamente inalterados no decorrer dos séculos. Têm-se notícias de que os primeiros registros dos contos foram realizados pela sociedade egípcia, posteriormente estendeu-se a escrita para a Índia, Palestina, Grécia, dentre outros.

De acordo com o parecer de alguns teóricos, os contos de fadas em sua originalidade não eram carregados dos sentidos que se encontram nos contos da atualidade, pode-se destacar a prevalência de contextos impregnados de outros

sentidos, nesse âmbito,

É por isso que muitos dos primeiros contos de fada incluíam exibicionismo e estupro. Em uma das versões de Chapeuzinho Vermelho, a heroína faz um strip-tease para o lobo, antes de pular na cama com ele. Numa das primeiras interpretações de A bela adormecida, o príncipe abusa da princesa em seu sono e depois parte, deixando-a grávida. E no conto A Princesa que não conseguia rir, a heroína é condenada a uma vida de solidão porque, inadvertidamente, viu determinadas partes do corpo de uma bruxa (CASHDAN, 2020, p. 20).

Pelos exemplos citados acima, é perceptível elementos e ideias que compuseram a significância dos contos antigos, configurando assim um cenário de violência. Identifica-se inicialmente o fato de os contos não serem relatos propriamente típicos para crianças, mas direcionado ao público adulto.

Bettelheim (2013) salienta que foi no século XIV que surgiu, na Europa, a primeira coleção de contos com motivos do folclore europeu denominado "Gesta Romanorum", de origem persa, escrito em latim, precedendo a famosa coleção "As Mil e Uma Noites" do folclore árabe.

No século XVI, de acordo com Coelho (2017), houve o surgimento de "Noites Prazerosas", de Straparola e "O Conto dos contos", de Basile. No fim deste e início do século XVII, o racionalismo clássico perdeu força e deu margem a uma literatura que exaltava a fantasia, o imaginário. Nesta época destaca-se Mme. D'Aulnoy com "Contos de Fadas", "Novos Contos de Fadas" e "Ilustres Fadas".

Segundo Coelho (2017), no início, os contos de fadas não eram uma literatura para crianças. O início dessa transformação teria ocorrido com Perrault, no século XVII, na França; com os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha; com Andersen no século XIX, na Dinamarca; e com Walt Disney no século XX, na América.

A divisão entre a narração ritualística e o tratamento apenas artístico dado aos contos, de acordo com Mendes (2010), foi o início da transformação do mito em contos populares.

Bettelheim (2013) afirma que esses contos se desenvolveram a partir dos mitos ou foram a eles incorporados, passando a experiência acumulada de uma sociedade sedenta de transmiti-las a novas gerações.

A milenar medicina hindu acreditava que os contos de fadas tinham poder terapêutico através de sua meditação, que levava a visualização da natureza do conflito existencial que estava causando a perturbação, e o caminho para a resolução. Mas foi a psicanálise quem ofereceu as maiores contribuições na análise dos

significados mais profundos dos contos de fadas, propondo-se a desvendar significados manifestos e encobertos da mente consciente, pré-consciente e inconsciente, tendo em Jung, seu maior representante (BETTELHEIM, 2013).

Imprescindível ressaltar a importância advinda da psicanálise – âmbito que teve por seu expoente máximo Sigmund Freud esse ocupa de analisar, refletir e compreender o homem enquanto sujeito do inconsciente, foi graças às suas contribuições desta área que se deu maior ênfase aos significados mais íntimos presente nos contos de fadas.

Por um período de tempo e pelas próprias características e significâncias os contos de fadas foram tratados de forma menos valorizada, sendo considerado algo irreal, imaginários e muito selvagens. Isso talvez tenha acontecido pela falta de compreensão por parte da maioria, por não saberem a verdadeira essência dos contos de fadas.

A maior parte dessa falta de compreensão acontece por parte dos adultos. Para alguns os contos continuam sendo apenas fantasias, algo sem muita relevância, devido à falta de conhecimento sobre o assunto.

Segundo Bettelheim,

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos-passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento (BETTELHEIM, 2013, p. 14).

Nessa perspectiva, Bettelheim explica que, por muitos anos, os contos de fadas existem e que eles possuem significados e tentam repassá-los. Isso de forma geral, pois muitos pensam que os contos trazem algum tipo de aprendizagem somente para as crianças e Bruno deixa claro que essa transmissão de conhecimentos acontece em todos os níveis da personalidade humana.

É notório que inúmeros são os erros cometidos por diversos educadores ao levarem os contos para as salas de aulas e utilizá-lo como um recurso que pouco tem a oferecer para o educando. Emerge então a necessidade de se planejar a partir dos contextos conflitivos expressos nos contos, situações que propiciem que o educando contextualize as informações, que permita o estabelecimento de comparações entre

os personagens, que se posicione de forma crítica e assim abstraia valores e princípios que irão compor de forma abrangente a sua personalidade.

São características indeléveis dos contos de fadas os encantamentos e a presença de um mundo mágico, fantástico e encantado, é uma forma de aguçar a atenção da criança para o contexto, de atraí-la para que ela possa vivenciar imaginariamente a história, provocando assim a curiosidade e prendendo a sua atenção, contudo, suas contribuições vão muito além por permitir que a criança tome decisões acertadas frente as situações problemas, olhando por esta dimensão, os contos assumem um papel interdisciplinar.

A leitura dos contos de fadas é algo inexplicável, de um poder inigualável, capaz de transformar vidas, transportar o leitor para um lugar único, mágico. Em uma mistura de diversão e informação, algo que acontece naturalmente. Os contos trabalham com o imaginário do leitor, podendo criar imagens, ações, batalhas, soluções, finais os quais são desejáveis. Isso encanta o leitor de tal forma que o mesmo é capaz de fazer a leitura do mesmo conto por inúmeras vezes.

O psicanalista e escritor Bruno Bettelheim, sustenta em sua obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas” que os contos justamente por possibilitar o encontro da criança com diversas situações lógicas que devem ser analisadas para que se extraia suas informações mais potenciais, tornam-se obras primas ímpares com um cenário de contextualização tão vasto que nenhum outro tipo de arte oferece, conforme sinaliza:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 2013 p. 20-21).

Por meio desse estudo de Bettelheim, compreende-se que leitor faz a primeira leitura e já consegue extrair significados, em diferentes momentos, fazendo algo muito interessante, levando o leitor a releitura do conto de acordo com as necessidades de sua vida, mostrando assim que os contos podem ajudar em todas as idades.

Os contos de fadas divertem as crianças, levam alegria, esperança, informação. E acontece de forma agradável, descontraída, prendendo assim a atenção do leitor para os significados da leitura. Isso além de agrandar valoriza a leitura

de certa forma, pois muitas pessoas não se dedicam tanto à leitura, uns dizem que não gostam de ler, outros nem fazem leituras.

Ao ouvir uma história, as crianças concentram-se, aprendem a respeitar-se e, acima de tudo, passam momentos de grande prazer porque elas podem ler e interagir com o texto.

Desse modo, além de uma função emotiva, os contos de fadas também têm uma função formativa, pois auxiliam na construção do imaginário. Algumas vezes, no entanto, os adultos não veem que os contos maravilhosos, como um empreendimento racional e uma típica realização do ego, só podem acontecer se a criança inicialmente, e por algum tempo depois, vivenciar a leitura como satisfação de sua fantasia. Pois a criança que gosta muito de ouvir histórias, que é estimulada e que vê satisfeitas suas fantasias, desejará também ler sozinha quando ninguém estiver por perto. Mas se não experimentou o prazer de terem lido para ela, dificilmente se sentirá estimulada a ler sozinha, buscando satisfazer sua curiosidade. Muitas vezes, sem essa experiência, duvidará que a leitura seja uma coisa que queira fazer (BETTMEIM, 2013).

E esse encantamento dos contos de fadas faz com que muitos despertem o gosto pela leitura. Isso é muito importante para crescimento intelectual, essa leitura trará encantos e informações ao leitor, contribuirá para a formação de sua personalidade, formando sua identidade de forma encantadora.

Ao questionar para algumas pessoas se elas saberiam dizer fielmente como elas são, os resultados serão claros, as respostas sempre parecidas, algumas tentarão sem grande sucesso e outras nem ousariam responder, diriam apenas que não conseguem se decifrar. Falar de outra pessoa se torna mais fácil do que falar de si, tudo é mais fácil na vida do outro. Falar si próprio se torna uma complexidade para o indivíduo. Dessa forma,

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade (BETTELHEIM, 2013, p. 32).

Deste modo, o autor evidencia elementos que subjazem nos contos, sinalizando assim a importância de possibilitar a criança experimentar contos distintos para que automaticamente tenham maiores possibilidades de diagnosticarem os

sentidos profundos e ocultos que poderão ser extraídos pela criança.

O ser humano vive nessa busca infindável do encontro do “eu”. Não é uma tarefa simples como muitos pensam, as coisas acontecem, as pessoas tomam decisões, seguem por caminhos e na maioria dos casos não sabem por que agiram dessa forma, mágoa pessoas e se arrependem outras vezes não, fazem coisas sem pensar. Para uns isso coisa do destino, para os que seguem alguma religião se apega a ela, sempre tentando explicar os acontecimentos de suas vidas.

O tempo passa, vem a idade, os filhos e entra uma segunda dificuldade, ajudar os filhos na busca do “eu”, de uma identidade. Se para o adulto não é uma situação confortável imagina para uma criança, essa um pouco complicada, e os pais muitas vezes não sabem como reagir diante dessa situação.

A formação da personalidade da criança tem início a partir em seu nascimento e ocorre em função de diversas condicionantes – pelo meio, pelas relações estabelecidas em seu convívio familiar, pelo contato com pessoas diferentes, com o meio e com objetos. Logo, é imprescindível que haja qualidade total em todas essas relações, pois, é preciso submeter a criança a situações nas quais elas possam se espelhar. Quanto mais exposta a criança estiver a ambientes estimulantes maiores possibilidade de se formar sua personalidade centrada e/ou equilibrada, adquirindo assim, princípios e valores que carregarão consigo durante toda a sua trajetória.

Deve ser preocupação tanto da família quanto da escola evitar situações de desprazer que conduzam às crianças a ações desajustadas para que se evite assim, o desenvolvimento de indivíduos com características anormais, desequilibradas emocionalmente, ansiosas, tensas e depressivas. Os contos também são importantes por inculcar concepções de que o sempre há de prevalecer, tornando-se um sustentáculo e apoio capaz de direcionar escolhas e ações em diversas situações cotidianas da vida.

O modo pelo qual os contos de fadas resolvem esses conflitos é oferecendo às crianças um palco onde elas podem representar seus conflitos interiores. As crianças, quando ouvem um conto de fada, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens da história, usando-os como repositórios psicológicos para elementos contraditórios do eu (CASHDAN, 2000, p. 31).

É tarefa extremamente complexa para uma criança compreender o seu mundo interior. Sem que aconteça essa compreensão a mesma não conseguirá entender

muitas coisas que acontece no seu mundo externo. Em alguns casos o adulto acredita que isso seja uma tarefa simples, que pode acontecer naturalmente, com o passar dos anos. Só que ao agirem dessa forma a criança pode acarretar consequências por toda sua vida, devido a essa falta de compreensão, problemas, conflitos que deveriam ser solucionados e muitas vezes não são, caminhos que deveriam ter outros rumos.

Tudo isso pode trazer inúmeros acontecimentos indesejáveis. E que quando acontecem as pessoas e principalmente os pais, não entendem o porquê de tudo.

A sociedade em que vivemos é complexa devido às mudanças constantes pelas quais ela passa, nessa perspectiva, os ideais educativos necessitam estarem atentos a todos os tipos de mudanças que pressionam as representações sociais para que atendam às necessidades e interesses dos cidadãos. O educador enquanto responsável pelo ensinar propriamente dito deve estar atento a este contexto e refletir sobre sua atuação objetivando rever seus métodos e recursos, para poder satisfazer de maneira competente às expectativas dos educandos.

A prática docente deve fundamentar-se no exercício da mediação pedagógica, onde o educador se torne motivador, incentivador e facilitador do processo de aquisição do conhecimento pelo educando, para que eles se tornem capazes de aprender de maneira prazerosa, significativa e ativa, estabelecendo associações, comparações, intervindo de forma crítica e criativa na realidade que o cerca, tornando-se sujeito do seu processo de aprender.

Os contos de fadas exercem uma influência muito benéfica na formação da personalidade porque, através da assimilação dos conteúdos da estória, as crianças aprendem que é possível vencer obstáculos e saírem se vitoriosas, especialmente quando o herói vence no final. Isso ocorre porque, durante o desenrolar da trama, a criança se identifica com as personagens e “vive” o drama que ali é apresentado de uma forma geralmente simples, porém impactante. Conflitos internos importantes, inerentes ao ser humano, como a inevitabilidade da morte, o envelhecimento, a luta entre o bem e o mal, a inveja, etc. são tratados nos contos de fadas de modo a oferecer desfechos otimistas (PREGNOLATO, 2015).

Por meio do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que (o conto de

fadas) exerce sobre o receptor (AMARILHA, 2014).

Se a educação é uma perspectiva na trajetória do futuro, e se a criança tem toda a sua receptividade dentro do presente, o que temos de fazer é enriquecer esse presente, para o qual ela está toda inteiramente voltada, a fim de que possamos abastecê-la de reservas morais, espirituais e intelectuais

2.4 CONTOS DE FADA UTILIZANDO A TECNOLOGIA

Caminhar junto com a era digital pode ajudar na formação do leitor, para que, o mesmo, possa interagir, desde criança, com esse mundo tecnológico e através dele aprender a criar e a ler histórias.

A internet é um instrumento rico em informações, entretanto é muito importante saber usar essa ferramenta com sabedoria e eficiência em prol do aluno, mesmo sendo a história criada ou contada de forma virtual.

Schermack (2012, p.8) afirma que:

A contação de histórias, no início do século XXI, envolve um encontro entre a narração oral tradicional e o suporte digital, na medida em que a tecnologia informatizada (a luz da tela do computador) traz a necessidade do uso de novos suportes para concretizar uma das artes mais antigas: a contação de histórias. A facilidade com que os jovens manipulam o computador sugere que se considere a linguagem do meio digital (como, por exemplo, os hipertextos, as imagens coloridas, músicas, vídeos, etc) como um instrumento importante no contexto educacional, principalmente para a formação de leitores críticos.

Desta forma, o uso dos contos de fadas é mais um recurso de ação transformadora contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. É uma forma de aprendizagem a mais que o professor tem em mãos para sua prática pedagógica, onde através de meios tecnológicos para a ser mais atrativa. Por isso,

[...] a prática pedagógica da contação de histórias pode ser desenvolvida junto à nova cultura tecnológica, o ciberespaço, que permite a formação de comunidades virtuais, possibilitando uma experiência social diferente [...], mas não menos interativa que os meios. Contar histórias é um dos hábitos mais antigos, inerentes à humanidade e tão velho quanto resistente. As mudanças que essa prática vem sofrendo nos últimos quinhentos anos correspondem a uma mudança da capacidade do ser humano narrar algo (BUSATTO, 2016, p. 92).

A criação e o uso dos contos de fadas se mostram uma forma de incentivo para a inserção do mundo da leitura e para isso, também é preciso trabalhar nos alunos a

criação de textos e histórias e os recursos tecnológicos pose contribuir para este processo.

O fator relevante que deve ser considerado é que, num mundo cada vez mais tecnológico, onde as crianças estão mais conectadas a rede, estimular os pequenos a adquirir o hábito da leitura, ajudando nos processo de ensino e aprendizagem torna-se um grande desafio para o docente em sala de aula e também é uma ferramenta capaz de promover a criação de histórias nas quais os alunos venham a participar.

Seguindo essa linha, sobre o histórico do uso dos contos de fadas Patrini (2005, p. 106) afirma que é importante “Convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade”.

A importância do uso dos contos de fadas no ensino fundamental II, pode envolver uma metodologia mais modernizada como através de recursos tecnológicos que envolva possibilidades de incrementar as práticas pedagógicas nas quais motivemos alunos e professor, possibilidade de integração dos mesmos. Dessa forma,

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual (RUFINO e GOMES, 2017, p. 11).

Diante desse aspecto, é cabível perceber que as narrativas literárias usadas são fontes riquíssimas que contribuem para promover o desenvolvimento cognitivo da criança nos anos finais do ensino fundamental, com métodos inovadores é possível criar histórias nas quais os próprios alunos estará envolvidos.

Por meio do uso dos contos de fadas, além de oportunizar o aprendizado e o aprimoramento da língua de sinais, o aluno surdo poderá usufruir de igual condição dos demais alunos, ao adentrar em obras literárias, ao passo que poderá sentir-se incluído em seu meio de comunicação. Nesse sentido,

Propiciar às crianças surdas nas escolas a Contação de Histórias em Libras é não só uma forma de adentrar no universo lúdico da literatura, mas também um jeito de coadunar o imaginário à interação social e cultural, além de ser um apoio no processo humanizador dessas crianças, uma vez que a literatura, de maneira geral, age na formação da personalidade humana por diversos meios, transmitindo conhecimento, construindo sentidos e

auxiliando no processo mental do leitor (CANDIDO, 1995, p.249).

Incentivar a criança surda a interagir no universo da literatura poderá ser uma ótima opção para que os mesmo veja a leitura e Contação de Histórias em Libras, como uma forma prazerosa e para isso, os recursos tecnológicos pode vir a contribuir para que os alunos surdos passe a interagir mais com o conteúdo.

Bitencourt (2011) corrobora ao referir-se que a criança ao ouvir é quem preenche estas lacunas por intermédio da imaginação. O mesmo se encanta a ponto de esquecer-se temporariamente de tudo e adentrar na fantasia que por hora o convida. Assim, a nossa temática está inserida em toda essa expectativa, "As novas tecnologias e a contação de histórias em sala de aula".

A linguagem de sinais por meio dos recursos tecnológicos, poderá auxiliar o professor no processo de ensino do aluno, pois muitos recursos visuais e libras, já são inseridos em sites infantis com buscas para livros digitais.

O uso dos contos de fadas na língua de sinais, em ambientes escolares, ou em ambiente familiar, tende a ser uma excelente opção para interação dos mesmo no mundo de faz de conta.

Bitencourt (2011) interage quanto a utilização de recursos áudio-visuais para a realização de uma releitura dos contos tradicionais não pode ter como ambição a substituição do ritual da contação. A questão não está em substituir a relação contador x espectador por exibições de TV, mas sim, numa reflexão que permeie o enriquecimento das atividades em sala de aula, por exemplo, focada na construção de novos saberes, de novas vivências

Carneiro (2012, p. 243) identificou “[...] a formação do que chamamos webliteratura, uma modalidade da escrita que confere ao texto características próprias potencializadas pela internet e o universo virtual”. Apesar da maioria dos vídeos não serem compostos na modalidade escrita da língua, as produções em Libras, ou vertidos para esta língua podem se enquadrar nestas características à medida que requerem formas específicas de produções sinalizadas

Nessa metodologia para contação de história em linguagem de sinais, faz com que o aluno surdo, passe a aguçar a sua capacidade cognitiva, além de contribuir para que o mesmo venha a interagir com os recursos digitais, criando assim capacidade de interagir e de adaptar-se com o meio. Nesse âmbito,

Incentivar as crianças surdas a adentrarem no universo imagético da

literatura pode ocorrer de forma prazerosa, dado isso, a Contação de Histórias em Libras é um meio eficaz para que se realize tal processo, como também, uma forma de auxiliá-las em seu desenvolvimento cognitivo e interacional (VALLE, 2016, p. 12).

Ao usar a Língua de Sinais, no uso dos contos de fadas, ajudará na compreensão dos alunos surdos, a conceitos que muitas vezes são desconhecidos pelas crianças, uma vez que a maioria delas são de famílias ouvintes, onde não dominam a Libras. Por isso, os contos de fadas podem melhorar as relações interpessoais.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente, o trabalho teve como base uma pesquisa de cunho bibliográfico, onde foi possível obter conhecimentos específicos quanto à temática, através de dados levantados, com ideias e pensamentos de autores que discorrem sobre o assunto em questão. Nesse sentido,

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica (LAKATOS e MARCONI, 2010, p.44).

A fonte para a coleta de dados dessa pesquisa, que se classifica como primária, tentou abarcar a maior quantidade possível de autores com publicações nos últimos dez anos, mas não podemos destacar outros que antes desse período foram relevantes em suas pesquisa e ideias.

Buscamos também as fontes secundárias que são sites de pesquisas bibliográficas, como artigos científicos, trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e outros).

O estudo apresenta, também, uma pesquisa em campo, do tipo exploratória, onde são levantados dados por meio de um trabalho com 02 professoras de aluno surdo do 2º ano do EF, numa escola do município de Pedro Canário-ES. Essa etapa se concentrou em angariar informações com profissionais da área educacional (professora regente, pedagoga e diretora), onde através da elaboração de um questionário de pesquisa, são elaborados os principais itens de acordo com o propósito do objetivo a ser alcançado.

Para o desenvolvimento do estudo, nos baseamos em autores conceituados, tendo a abordagem sobre a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, em que Galvão e Galvão (2015, p. 21), Sasaki (2017), Bueno (2016), Dorsch e outros (2011), Pessotti (2014), Mendes (2012), Neves (2012) e outros.

Na apresentação sobre a utilização dos contos de fadas em sala de aula e sua relevância à aprendizagem, interação e desenvolvimento da subjetividade, optamos por Costa (2007), Abramovich (2006), Solé (2008), Ferreiro (2011), Bettelheim (2013), Amarilha (2014), Soares (2003), Carneiro (2012), Schermack (2012), Busatto (2016),

Bitencourt (2011) e outros.

Prosseguindo, desenvolvemos a pesquisa exploratória em escola que atende aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nessa etapa, os sujeitos pesquisados foram a professora regente de uma turma com aluno surdo, a pedagoga que a acompanha os processos de ensino e aprendizagem e a diretora da instituição. Para produzir os dados, optamos por aplicar o instrumento questionário de maneira a que pudessem recebê-lo e respondê-lo dentro de sua rotina diária, ou seja, no dia e horário que julgassem melhor, sendo que foi marcada uma data para ser entregue à pesquisadora, em quinze dias.

Após as pesquisas, elaboramos, como Produto Educacional, uma cartilha que visa auxiliar os docentes na tarefa de utilizar os contos de fadas na socialização, interação, inclusão e subjetividade de seus alunos.

3.1 INSTRUMENTO PARA PRODUÇÃO DE DADOS

Como instrumento para a realização da coleta dos dados utilizamos o questionário com questões abertas e fechadas destinadas à professora regente que atua no 2º ano do Ensino Fundamental, que tem aluno surdo. Esse instrumento é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações concretas

O método empregado nesta pesquisa é denominado Método da Comunicação que segundo Gil (2012, p.115), “o questionário constitui o meio mais rápido de se obter informações”. No questionário são feitas perguntas que o pesquisador deve estar presente e podendo assim ser tiradas as dúvidas no ato do preenchimento.

O questionário (APÊNDICE A) para coleta de informações, tem perguntas pertinentes ao processo de atuação da professora do 2º Ano do Ensino Fundamental, que contemple a contação de história (contos de fadas).

Além da professora, a Pedagoga (APÊNDICE B) e a Diretora (APÊNDICE C) também responderam a um questionário específico de maneira a que explicassem como é sua atuação no auxílio ao trabalho docente com aluno surdo em classe regular.

As perguntas foram desenvolvidas com base em uma atuação voltada para a inclusão de recursos tecnológicos para este processo, uma vez que as aulas passaram, a partir da Pandemia da COVID-19, no ano 2020, a serem realizadas

através das mídias digitais, o que leva o professor à constante inovação na forma de atuação.

As perguntas apresentadas no questionário (APÊNDICE A) direcionado à professora do 2º Ano do Ensino Fundamental (tendo aluno surdo), são subjetivas, de forma que a participante exponha suas ideias e opiniões e estas possam ser analisadas qualitativamente.

Após a análise e discussão dos dados, foi desenvolvido uma cartilha, conforme se apresentam no capítulo 5 deste trabalho.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

Neste subcapítulo temos a dimensão do ambiente da pesquisa, que tem a apresentação do município em que a escola está localizada, em seguida a própria instituição de ensino, os espaços escolares, a sala de aula, a sala de AEE, que são parte da pesquisa exploratória.

O município de Pedro Canário recebeu status de município pela lei estadual nº 3623 de 23 de dezembro de 1983, com território desmembrado de Conceição da Barra.

Por sua localização, está ao extremo norte do Espírito Santo, fazendo fronteira com o Estado da Bahia (norte), Pinheiros (sul), Conceição da Barra (leste) e Montanha (oeste).

O Município é dividido pela BR 101, a rodovia federal mais importante do país e considerada eixo de desenvolvimento nacional.

Sua população foi estimada em 2013 como que cerca de 25.700 habitantes.

Tanto na sede (centro) como no meio rural, não possui muitas escolas, são 26 (vinte e seis) ao todo, sendo 11 da rede pública estadual, 10 da rede pública municipal e 05 da rede privada. Algumas são de Educação Infantil, outras de Ensino Fundamental e têm as de Ensino Médio.

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS EM RESPECTIVOS BAIRROS DE PEDRO CANÁRIO-ES.

BAIRRO	ESCOLAS
Colina	EEEM Manoel Duarte da Cunha
Novo Horizonte	EEEF Dr Edward Abreu do Nascimento e EMEF Prof. Marcos Brunelli da Rocha
Canarinho	EEEF Pedro Canário Ribeiro
Centro	EEEFM Prof ^a . Luiza Bastos Faria, EMEF Prof. Guedes Alcoforado, EMPEF Chapeuzinho Vermelho, Creche Bom Jesus, EC Pequeno Príncipe
Floresta do Sul	EEEFM Floresta do Sul
São João Batista	EMEFTI São João Batista, CEIM Prof ^a Normilia Cunha Santos e CAEE Vem Viver- Pestalozzi
Taquaras	EMPEF Taquaras
Esplanada	Centro Educacional União e Creche Raios de Luz
Felinto Damiao	EMEF Felinto Damiao
Leonorio II	CEIM Oficina de Sonhos
Cristal do Norte	EMPEF Cristal do Norte e o CEIM Amelia Lucas Farias
Assentamento Castro Alves	AEEEF Três de Maio
Assentamento Canudos	EEPEF Canudos
Assentamento Zumbi dos Palmares	EEPEF Zumbi dos Palmares
Comunidade de Coluna Prestes	EEPEF Coluna Prestes
Córrego do Engano	EEPEF Che Guevara
Fazenda Kalbin	EEUEF Fazenda Kalbin

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A base da economia local é a agropecuária, sendo os produtos café, cana-de-açúcar e pecuária bovina as atividades mais desenvolvidas. Há algumas também importantes, mas secundárias, como o comércio e a prestação de serviços.

A instituição participante da pesquisa foi a EMEFTI São João Batista, localizada no endereço Rua Nossa Senhora de Fátima, s/n, bairro São João Batista, Pedro Canário-ES.

A EMEFTI São João Batista atua no Ensino Fundamental e integral nos turnos matutino e vespertino com turmas de 1º ao 5º Ano. No matutino os alunos têm as aulas do núcleo comum e à tarde participam de projetos.

Figura 1: Foto da frente da EMEFTI São João Batista.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

De acordo com o questionário do Saeb (2019) aplicado aos 5ºs anos, 5% de mães dos alunos têm Ensino Superior. 40% dos pais costumam conversar sobre o que acontece na escola. 32% dos alunos costumam ler livros que não são das matérias. Essa última informação mostra que a leitura é uma dificuldade entre as crianças que ali estudam e isso precisa ser trabalhado.

São 19 (dezenove) funcionários ao todo e a infraestrutura não abriga muitos ambientes, a não ser as salas de aula, banheiros, cozinha, biblioteca, sala de professores, sala de diretoria, mas não possui sala de AEE, também não possui: laboratório de informática, sem sala de leitura. Os ambientes não possuem adequação/acessibilidade necessária.

A sala de AEE faz muita falta, pois os alunos com alguma necessidade educacional especial são atendidos na sala de aula mesmo ou em algum local improvisado, como biblioteca, pátio e outros.

A sala de aula pesquisada foi a do 2º Ano do Ensino Fundamental, local em que está matriculada e frequentando um aluno surdo. O espaço físico é pequeno, mas agradável e a professora regente utiliza a logística das carteiras em círculo ou semicírculo, de maneira a que consiga visualizar a todos e atender individualmente e para que todos se sintam parte do processo escolar.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Neste subcapítulo, são apresentados quem são os participantes da pesquisa: professora regente do 2º Ano do EF, Pedagoga que acompanha a turma e a professora e a diretora escolar.

Esses participantes foram escolhidos de maneira associada ao tema desenvolvido na pesquisa, pois o estudante surdo é aluno da turma do 2º Ano, daí a professora regente da turma ter participado respondendo o questionário (APÊNDICE A). A docente é formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais do EF. Tem experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental há 02 anos tempo, porém é a primeira vez que trabalha com aluno surdo. Ressalta-se que a turma pertence ao ciclo de alfabetização, que inicia no 1º e encerra no 3º Ano. Entende-se que devido à pandemia, algumas lacunas existem em relação à alfabetização das crianças. A segunda professora regente em turma e 2º Ano há 08 meses e no município há 10 anos. Sua formação é em Pedagogia também e não possui especialização. Iniciou a carreira mais tarde, por questões pessoais.

A pedagoga é bastante experiente na função. Sua formação é em Pedagogia e tem pós-graduação em Supervisão Escolar. Atuou em outras escolas do município e atualmente, há mais de 5 anos, está na EMEFTI São João Batista há 03 anos. Seu trabalho é o acompanhamento do planejamento, a intervenção junto os casos de alunos com dificuldades de aprendizagem e aos com deficiência. Ela dá suporte à professora regente do 2º Ano e aos demais. Suas considerações sobre o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais e sobre a leitura realizada na escola estão registradas no questionário respondido por ela (APÊNDICE B).

Por fim, a terceira e última participante, e não menos importante, é a diretora escolar. Profissional com formação em Pedagogia e com especialização em Gestão em Escolar. Atua nesta escola e na função há 18 anos. Sua prática na EMEFTI São João Batista é democrática e procura levar o melhor para a instituição. Por ser uma escola de tempo integral, as demandas aumentam, uma vez que os projetos exigem atenção e eficácia no ensino-aprendizagem das crianças.

Ressaltamos a relevância das três participantes por compreendermos que a escola é constituída de equipe e cada um dos componentes deve contribuir com os demais, para que a aprendizagem dos alunos, foco da educação, seja de qualidade.

Após ser encaminhado o questionário a cada uma das participantes (professoras regentes do 2º ano, pedagoga e diretora), por formulário do *Google Forms*, foi solicitado que a devolutiva fosse em, no máximo, 15 dias, em que a pesquisadora estaria entrando em contato para recebê-los. Mesmo a resposta sendo automática, após a participação de cada um, era necessário estipular uma data, já que o ativismo diário das participantes poderia estender o prazo e comprometer a análise.

Assim feito, a partir do próximo capítulo são apresentados e analisados os dados produzidos. A intenção não é tabular em gráficos ou tabelas e quadros, mas analisá-los qualitativamente, com base nas ideias da pesquisadora e no que alguns teóricos nos apresentam em comum com as ideias elencadas.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a autorização do Comitê de Ética e Pesquisa e da Secretaria Municipal de Educação de Pedro Canário para a realização da pesquisa, os formulários de questionários foram encaminhados, no mês de novembro de 2022, para os seguintes sujeitos participantes da EMEFTI São João Batista: professoras regentes do 2º Ano, Pedagoga e Diretora Escolar, todas já contatadas e comunicadas anteriormente, apenas aguardando o parecer.

Apresentamos, a seguir, os dados produzidos, de acordo com a ordem respectiva dos questionários: Professoras regentes (APÊNDICE A); Pedagoga (APÊNDICE B) e Diretora (APÊNDICE C), em que estes são analisados à luz da pesquisadora e de alguns autores.

4.1 PROFESSORAS REGENTES NO 2º ANO

A professora nº 1 tem a idade de 41 anos. Sua experiência como professora do 2º Ano é de 02 anos. No entanto, ela possui mais tempo em outras escolas e séries/anos do Ensino Fundamental.

A professora 2 tem a idade de 51 anos. Sua experiência como professor na turma de 2º Ano é de 08 meses. Entretanto, segundo ela, já trabalhou com outras turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental em outras escolas.

Atualmente, ambas trabalham com o 2º Ano do EF.

Na questão sobre: *Você tem o hábito de contar história? Em qual momento da aula/dia?*

A professora 1 respondeu que sim e às vezes duas vezes por semana.

Essa resposta indica que a rotina da turma é mantida e que não se faz repetidas vezes, mas de maneira variada.

A resposta da professora 2 foi que tem esse hábito e que é nas aulas de Língua Portuguesa, como não especificou a quantidade de vezes e são 05 aulas desse componente curricular por semana, não se pode dizer que sua prática é variada ou se é repetidamente a mesma sempre.

Na pergunta: *De que forma é realizada a contação de história ao aluno surdo?*

A professora 1 explicou que na escola tem livro de história em libras.

A professora 2 respondeu que a contação de histórias é traduzida pela intérprete.

Percebemos que a primeira respondente não se preocupa em apresentar a história ao aluno, pois uma coisa é os contos de fadas estarem no livro, outra é a narrativa ser contada ao aluno, com a devida expressividade que requer esse tipo de atividade.

Amarilha (apud SILVA, 2018, p. 10) afirma “[...] que sua relevância se deve ao fato de que propiciam o desenvolvimento da imaginação, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e socialização nas crianças”.

Quando interrogadas sobre: *Quais recursos digitais são utilizados para contação de história ao aluno surdo?*

A professora 1 indica que às vezes utiliza o notebook ou o celular para essa atividade.

A professora 2 também se utiliza dos mesmos recursos: notebook, celular.

Muito eficaz os recursos utilizados pelas docentes, entretanto, além deles, a parceria com a intérprete de Libras é uma terceira opção e alguém que pode além de contar a história, estará ensinando a toda a turma, inclusive à professora regente a língua de sinais.

A próxima pergunta foi: *De que forma a tecnologia digital contribuiu para o processo da contação de história na sala de aula?*

Para a professora 1, serviu para uma melhor compreensão do aluno da história.

A professora 2 constatou que serviu para aprender os sinais apresentando através da história contada e sua interpretação. Na aprendizagem dos sinais dos personagens da história em Libras.

A Libras é uma língua de sinais, uma forma de comunicação entre surdos e não surdos, por isso pode e deve ser aprendida e utilizada pelos alunos e professores. Quanto mais for praticada, maior será o conhecimento e a comunicação com os alunos surdos. Assim, a aprendizagem de conteúdos e da Língua Portuguesa também será favorecida.

A questão: *Como se dá a intervenção do aluno surdo durante o processo de contação de história?*

Para a professora 1, mostrando primeiro para ele o livro de história, e depois fazendo para o aluno os sinais em Libras.

Na concepção da professora 2, no primeiro momento, apresentaram o livro de história.

Ao que podemos perceber, o importante para as professoras era mostrar as imagens dos livros ao aluno surdo, mais até do que o conteúdo demonstrado nas histórias. É preciso associar os aspectos que os exemplares de literatura apresentam, a capa, as imagens, as cores, o formato e o texto em si. O livro é um conjunto, não apenas uma parte solta.

A pergunta: *Como a contação de história contribuiu para sua formação pessoal e acadêmica?*

A professora 1 destacou que quando criança lia muito e amava contar histórias para os colegas e primos. Mas depois, no Ensino Médio e faculdade, a leitura passou a ser mais técnica e menos literária. Lia mais por obrigação e cumprimento de atividade. Entretanto, mesmo assim, a leitura foi muito importante, principalmente em relação à melhoria da escrita.

A professora 2 respondeu que foi um aprendizado didático. Ajudou na produção de trabalhos, textos e seminários.

Constatamos que a contação de histórias e a leitura são atividades que auxiliam a aprendizagem de outras áreas do conhecimento e outros tipos de atividades. Ambas as professoras mostraram que mesmo que a leitura não fosse sempre por deleite, ajudava em sua aprendizagem.

O professor deve estimular os alunos à leitura, e isso pode ser promovido através da contação de histórias, pois Silva (2012, p. 06) explica que:

É função do adulto proporcionar a criança o contato com as “gostosuras” da narrativa, do ato de ler, tendo em vista que “a literatura infantil não chega as crianças muito pequenas sem a mediação do adulto, seja um familiar ou professor. Ler para crianças não alfabetizada é estimulá-las na sua futura leitura e escrita, desenvolvendo nela o valor da oralidade, a importância da linguagem oral.

Quando pedido: *Relate uma experiência vivenciada sobre contação de história junto ao aluno surdo na sala de aula?*

A professora 1 apontou a história dos Três Porquinhos, na qual o aluno se emocionou com a história contada a ele, percebeu que ele viajou em pensamento.

A professora 2 também indicou a história dos Três Porquinhos, onde o aluno se emocionou-se com as descobertas.

Há histórias que emocionam e levam os alunos à reflexão, provavelmente essa teve a ação e emocionar o aluno surdo.

A última questão: *Na sua opinião, como você descreve trabalhar com um aluno surdo? Ou como deveria ser desenvolvido este trabalho com este aluno?*

A professora 1 descreveu ser um trabalho de muito esforço e carinho, pois cada conquista e vitória do aluno é uma felicidade muito grande em sua vida, pois sabe que está contribuindo para melhorar em seu cotidiano na sociedade.

A professora 2 respondeu que é um aprendizado e um desafio muito grande.

Assim as professoras sabem dos desafios, mas também percebem que há a compensação da aprendizagem e da alegria do aluno surdo quando este compreende o que aprende o que os demais alunos também aprendem, isso é o reflexo da inclusão.

4.2 A PEDAGOGA, A LEITURA E OS CONTOS DE FADAS

O trabalho de inclusão não é responsabilidade apenas do professor. O Pedagogo é o profissional, na escola, que lida diretamente com os docentes, orientando, planejando, buscando interferências e intervenções que sejam eficazes no ensino-aprendizagem em sala de aula.

Dessa forma, a Pedagoga da EMEFTI São João Batista traz algumas respostas às questões apresentadas no questionário respondido por ela (APÊNDICE B).

Sua idade é 47 anos, destes, 03 são atuantes como Pedagoga na escola referendada.

Ela acompanha as turmas do 1º ao 5º Ano, portanto, as professoras do 2º Ano, participantes da pesquisa são auxiliadas por sua prática diária.

Na questão: *Como os professores são orientados nos planejamentos para a motivação e contação de histórias na sala de aula?* A resposta da pedagoga foi: *São orientados a criar uma rotina semanal para a contação de história. O momento de leitura de leitura está sempre presente no dia a dia das salas de aula. Por vezes feita pelo professor, ou pelos alunos.*

Na pergunta: *De que forma você orienta os professores para contação de história junto ao aluno surdo?* Ela descreveu que *A professora auxiliar faz sempre as interpretações em libras, quando a professora regente está no momento de contação*

e história, ou quando é apenas uma leitura deleite, o aluno escolhe o livro e a professora auxiliar faz a interpretação do texto da história.

Quando questionada em relação a como se dá a acessibilidade dos professores referentes às orientações de contação de história na sala de aula? Sua opinião foi que *A professora está sempre buscando junto a coordenação uma forma de trabalhar de forma que alcance o aprendizado pleno do aluno. Não temos livros em libras, mas ela não mede esforços em buscar materiais para trabalhar.*

No tocante a “quais tecnologia/recursos você sugere aos professores utilizem para a contação de história?” A pedagoga nos diz que *Softwares voltados para alunos surdos. Vlibras e o teclado virtual para a escrita de Libras.*

Quando perguntamos “De que forma essas tecnologias/recursos utilizados na contação de história, contribuem para o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo?” Ela novamente respondeu que *A professora auxiliar faz a interpretação em Libras.*

Na última questão “Relate uma experiência vivenciada sobre contação de história junto ao aluno na sala de aula?” A pedagoga conta que *O estudante por estar sempre acompanhado de sua professora auxiliar que a todo tempo conversa com ele, não demonstrou não estar entendendo a história que a professora regente estava contando. Soube responder as perguntas de interpretação oral relacionadas ao momento de contação de história.*

Ressaltamos a importância da parceria entre pedagogo e professores na inclusão, bem como em todos os outros processos de ensino-aprendizagem. O pedagogo não precisa assistir à aula ou atitude parecida, apenas acompanhar o professor em seus planejamentos e nos momentos de anseios e dúvidas.

As sugestões devem fazer parte de sua prática, pois assim os alunos e professores recebem novidades que podem incrementar as aulas. Ideias essas que envolvem a contação de histórias, a motivação à leitura e a inclusão, tão relevante nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em toda a vida acadêmica dos indivíduos. Além da pedagoga, outro profissional relevante no ensino-aprendizagem é o diretor escolar, que gere o administrativo o financeiro, mas também e principalmente o pedagógico da escola. Sua visão deve ser de progresso, de motivação e de auxílio ao desenvolvimento dos alunos.

4.3 A ESCOLA E O ALUNO SURDO SOB A ÓTICA DA DIRETORA

A Diretora escola da EMEFTI São João Batista tem 42 anos de idade e destes, 18 são dedicados à função de gerir escolas no município de Pedro Canário. Sua vasta experiência na gestão nos apresenta como percebe a inclusão do aluno surdo e de como as relações e o processo ensino-aprendizagem podem ser qualitativos e satisfatórios.

Por ser uma escola pequena, a facilidade do acesso à direção é um fator positivo, ou seja, todos conhecem e conseguem chegar até ela, desde os funcionários, alunos e comunidade escolar.

O formulário respondido (APÊNDICE C) nos dá uma ideia do que esta profissional pensa em relação a alguns aspectos pesquisados neste trabalho.

Perguntamos “Antes da direção escolar, atuava em que função?” Ela respondeu que era *professora*.

A gestão escolar traz como requisito a atuação do candidato à docência, pois é a partir daí que vai obter conhecimentos e observar as necessidades básicas da escola.

Na próxima questão: Quais são os desafios no processo de recebimento e inclusão do aluno surdo no espaço escolar? Ela destacou que *o grande desafio tem sido a falta de infraestrutura física e material pedagógico diferenciado para agregar ao incentivo a aprendizagem significativa do aluno surdo no espaço escolar*.

Ao perguntarmos: Como a instituição promove a inclusão do aluno surdo no ambiente escolar? A diretora disse: *"através da participação dos eventos internos e externos da escola"*.

Na questão: Quais recursos materiais são solicitados pelos professores a direção para a contação de história a fim de promover a inclusão do aluno surdo no espaço escolar? Sua resposta foi que *são solicitados materiais pedagógicos como: EVA, TNT, cola quente, papel cartão, papel colossett, dentre outros*.

Questionada sobre: De que maneira você percebe a relação de convivência do aluno surdo no ambiente escolar? A diretora declarou *"Percebo o cuidado que toda comunidade escolar tem para com o mesmo, envolvendo nas brincadeiras, eventos e durante o período em sala de aula."*

Na questão: De que maneira a convivência junto o aluno surdo tem contribuído para sua formação pessoal e profissional? A diretora nos diz que *"Tem sido uma*

experiência única no qual a princípio eu não conseguia me comunicar e hoje consigo entender e ele me entender. Me tornado uma pessoa mais justa se colocando no lugar do próximo.”

Ao solicitar que a diretora descreva como se dá sua relação com o aluno surdo no ambiente escolar? Sua resposta é de que é “*uma Relação maravilhosa de respeito e carinho. No qual a presença da pedagogia fica presente diariamente*”.

Na última pergunta: De que maneira a família tem se manifestado diante os resultados do aluno surdo na instituição escolar? A diretora afirmou que “*Tem demonstrado confiantes no avanço do processo de desenvolvimento intelectual.*”

As questões inerentes à diretora nos indicam que ela procura estar acompanhando o processo pedagógico e da docência, bem como a aprendizagem dos alunos.

Em escola, cada ação tem ligação direta com a outra, isso porque o foco é o aluno e ele precisa receber conhecimentos, atenção, integração e mostrar-se conhecedor, atento e integrado e quem promove essas ações e motivações é equipe: diretor, pedagogo, professores e demais funcionários.

A partir de todos os levantamentos da pesquisa bibliográfica e da exploratória nos levaram a idealizar e produzir um Produto Educacional, em forma de cartilha que venha a servir de orientação e aprendizado aos docentes do 1º ao 5º que se fizerem interessados.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Após os dados coletados, a análise e as discussões, desenvolvemos o Produto Educacional que consta de uma cartilha didática em que a autora organizou momentos e formas de se contar histórias.

A intenção desse material é auxiliar, bem como sugerir aos docentes do 1º ao 5º ano a relevância da contação de histórias para a aprendizagem dos alunos, bem como a necessidade de inseri-la na rotina dos dias de aula se faça de maneira eficaz.

Por todos os argumentos apresentados, percebe-se necessário que a contação de histórias seja uma constante na escola, pois ela desenvolve e estimula o hábito de leitura e, nessa ação, de acordo com a pesquisa, aplica-se a inclusão de aluno surdo.

A criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda está em fase de construção da linguagem e de aprendizagem da língua materna através da alfabetização e do letramento. Assim a cartilha se configura como um recurso didático a mais, para uso em consulta e em caso de dúvidas e anseios.

Trabalhar com Libras requer a apropriação dos sinais que a compõem e quando o professor regente não tem um auxiliar que faça essa interpretação, precisa aprender sobre essa língua de sinais.

A escola é um espaço de construção e a sala de aula pode ser um palco de contação de histórias, em que alunos surdos e não surdos possam participar de momentos de contação de contos de fadas sendo expectadores ou contadores, basta que se aprenda Libras.

O Apêndice D traz o Produto Educacional na íntegra, posteriormente este se fará presente, de maneira impressa, nas escolas do município de Pedro Canário-ES.

O Produto Educacional encontra-se publicado e acessível no link: <https://dialogocom.com.br/2022/12/23/conto-de-fadas-em-lingua-brasileira-de-sinais-libras-produto-educativo/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, por meio do arcabouço teórico, um grande avanço histórico em relação aos deficientes e, assim, aos deficientes auditivos. A legislação em si é bastante propensa e rica ao afirmar as diretrizes da inclusão educacional para esses excluídos, ao longo do tempo, por ela.

Mas, notamos também um grande atraso nas práticas pedagógicas da comunidade escolar que parecem desconhecer qualquer movimento e/ ou Leis que favoreçam a igualdade de oportunidades a todos, ou mesmo parecem não conseguir acompanhar esses avanços. Que de alguma forma não consegue chegar ao conhecimento significativo, que dá ações a projetos pequenos, porém brilhantes e profundos.

Na realidade, constatamos que a movimentação sobre essa deficiência recai num grupo pequeno, em relação à população de surdos da própria escola. Observamos que esta escuta educacional está sendo formalizada muitas vezes na sociedade civil.

Construir a escola inclusiva significa articular democracia, participação e autonomia. Sua implementação não é um processo fácil, pois o compromisso em atender com qualidade e eficiência pedagógica a todos os alunos é um compromisso com a melhoria da qualidade educacional para todos, o que somente será concretizado com a consciência e a valorização dos fatos e das normas coletivas mediadas pela responsabilidade social. Só assim a escola cumprirá seu papel de transformação social.

Durante o percurso deste trabalho buscamos trazer com qualidade e seleção o material referenciado em busca de responder as questões que foram observadas em todo o desenrolar desta pesquisa.

A formação do professor bilíngue de surdos prevista no Decreto 5.626/05, é enfatizada a preferência na formação de surdos para ocuparem a função de professores bilíngues. Lemos que a formação desses profissionais poderá acontecer por meio de cursos de nível superior de Letras/Libras ou Pedagogia em que Libras e Língua Portuguesa escrita constituam-se línguas de instrução.

Após os enfoques e pesquisas desenvolvidas, no sentido de se alcançar os objetivos e, ainda, buscar responder ao problema de estudo, entendemos que há um desafio muito grande para a inclusão do indivíduo considerado diferente dentro dos

padrões sociais, sabemos que ainda não foram atingidos os objetivos do aluno surdo dentro da sala de aula.

É preciso mais capacitações aos docentes e debates envolvendo toda a comunidade escolar e famílias, como forma de se tornar mais prazerosa a estadia do aluno surdo nas escolas e que isso se reflita na sociedade que precisa sentir e respeitar esses indivíduos como cidadãos.

Essa formação docente se faz necessária, bem como o apoio da equipe pedagógica, aqui traduzida em pedagoga e diretora, de maneira a que as atividades promovam a integração dos alunos. E mais, que a contação de histórias seja um meio de se alcançar essa inclusão tão desejada.

A motivação das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental em ler é fator preponderante, pois nessa fase estão ainda em alfabetização. Os contos de fadas também se mostram como eficazes nesse incentivo, e mais, no desenvolvimento de sua subjetividade.

Todas as crianças participam da contação da mesma história, mas subjetivamente, cada uma fará suas críticas, terá seus anseios, fantasias, associações com a realidade, pois a subjetividade é pessoal, é algo que diz respeito a cada um e que deve, esmo assim, ser estimulada.

As professoras participantes da pesquisa mostraram que é preciso mais de sua parte, de repente mais conhecimento em relação a dinâmicas e atividades que possam acolher, envolver e apreciar os contos de fadas e a leitura.

A pedagoga e a diretora mostraram que é possível estabelecer parcerias e alcançar níveis de aprendizagem e o gosto pela leitura, por parte dos alunos, basta inovar e criar.

Entendemos, pois, que os objetivos foram alcançados e a cartilha (Produto Educacional) se apresenta como forma de recurso didático relevante ao professor que tenha aluno surdo em classe regular ou que queira se preparar, caso um dia receba esse público-alvo.

No caso dos alunos surdos, a formação em Libras se torna necessária a professores, profissionais e alunos, pois sua comunicação e aprendizagem precisam se desenvolver. Nesse sentido, a Libras não se configura por normas e regras, mas uma língua em sinais que além de estabelecer a interação entre os indivíduos surdos e os não-surdos, auxilia na interpretação e nos processos de ensino e aprendizagem.

Por mais que haja legislação e estudos que abranjam a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, a pesquisa nos mostra que é preciso um olhar mais sensível à prática, que ela seja concomitante com a teoria, pois, no caso do presente estudo, a Libras deve constar nas formações ofertadas aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois este profissional deve estar preparado para lidar com alunos surdos, ensinando tanto a Língua Portuguesa quanto a Língua Brasileira de Sinais, fazendo valer o processo de ensino e aprendizagem voltado às necessidades do aluno, como preconiza a BNCC.

Dessa forma, a construção de uma escola inclusiva perpassa pelo conhecimento docente e discente, onde ambos adquirem ao seu tempo e também ao mesmo tempo, a partir das pesquisas, práticas e interações sociais construídas no interior da escola e que serão úteis nesse contexto e para além dos muros da escola, no mundo e caminho que o aluno trilhar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL. **Lei nº10.436, de 8 de novembro de 2002**. Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/PosGraduacao/Docs/Cadernos/caderno10/62118_14.pdf. Acesso em 01 de abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. São Paulo: FTD, 2016.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: ___ **Vários escritos**. 3.ed. ver. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.235-263.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo/ Moaci Alves Carneiro. 20.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2012.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CASHDAN, Sheldon. **'Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas'**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **O ser humano é um ser Social**. Martins Fontes - São Paulo, 2013.

COELHO, Betty. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil Teoria Analise Didática**. 12.ed. São Paulo. Moderna, 2017.

- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2006.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **A Declaração de Salamanca, sobre princípios, política e prática em educação especial**. 1994.
- DORSCH, F. et al. **Dicionário de psicologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- FERREIRA, S.P.A, Dias, M.G.B.B. **A Escola e o Ensino da Leitura**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2002.
- FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Trad. Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre. Artes Médicas. 1994.
- GALVÃO, N. S.; GALVÃO, T. **Educação Inclusiva**. Curso Normal Superior: Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Salvador: Faculdade de Tecnologia e ciências. Educação a distância. 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 2012.
- KOJIMA, Catarina Kiguti; SEGALA, Sueli Ramalho. **Língua de Sinais: A imagem do Pensamento**. Rio de Janeiro: Escala, 2002.
- LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico** /4 ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 2010.
- MAZZOTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault**. São Paulo: UNESP, 2010.
- MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. F. (orgs). **Escola inclusiva**, São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2012, p. 61-85.
- MENOR, Maria Aurilene da Silva, *et al.* **Vivência de algumas estratégias de leitura: experiência realizada num grupo de formação de professores alfabetizadores**, 2002. (SEMEC).
- NEVES, T. R. L. O Movimento de Auto-advocacia e a Educação para a Cidadania. In: PALHARES, M. S; MARINS, S. C. (org's). **Escola Inclusiva**. São Paulo: EdUFSCar, 2012, p. 41-44.
- PATRINI, M. de L. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São

Paulo: Cortez, 2005.

PESSOA, Patricia Dos Santos. A subjetividade a partir de Vygotsky: uma aproximação com a linguagem. **Anais do VII Congresso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR**. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, 2015.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: USP, 2014.

PREGNOLATO, Mariuza. **A importância dos contos de fadas na formação da personalidade**, 2015. Disponível em: http://www.mariuzapregnolato.com.br/pdf/artigos/a_importancia_dos_contos_de_fadas_na_formacao_da_personalidade.pdf . Acesso em 12 de set de 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RUFINO, C.; GOMES, W. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola**. São José dos Campos: Univap, 2017.

SACRISTAN, J. G. **Educar e Conviver na Cultura Global: As exigências da Cidadania**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2017.

SCHERMACK, K. de Q. A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento. **Revista Digital Intersemiose**, Ano I, vol. 01, n. 01. Jan/jul 2012.

SCILIAR, Moacyr. In: Blau – **Jornal bimestral de literatura**, Porto Alegre, n. 5, agosto de 1995.

SILVA, Fabrine Brasil. **Leitura e Contação de Histórias na Educação Infantil: Caminhos de uma Prática Pedagógica**. 2018. 44fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

SILVA, M. **A literatura infantil como recursos para a aquisição da linguagem da criança**. Campinas: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TOZATO, M. R. **Um estudo sobre Inclusão**. 2002. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação, Administração e Comunicação) – Programa de Pós-graduação, Universidade São Marcos, São Paulo, 2012.

VALLE, Lílian do. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VYGOTSKY, L.S. - **A formação Social da Mente**. 6. ed. Martins Fontes - São Paulo, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 15.ed. São Paulo: Global, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Idade: _____ Tempo de trabalho: _____
2. Turma em que atua? _____
3. Você tem o hábito de contar histórias? _____ Em qual momento da aula/dia? _____
4. De que forma é realizada a contação de história ao aluno surdo?
5. Quais recursos digitais são utilizados para contação de história ao aluno surdo?
6. De que forma tecnologia digital contribuiu para o processo da contação de história na sala de aula?
7. Como a contação de história contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo?
8. Como se dá a interação do aluno surdo durante o processo de contação de história?
9. Como a contação de história contribuiu para sua formação pessoal e acadêmica?
10. Relate uma experiência vivenciada sobre contação de história junto ao aluno surdo na sala de aula.

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AO PEDAGOGO

1. Idade: _____ Tempo de trabalho: _____
2. Turmas que acompanha? _____
3. Como os professores são orientados nos planejamentos para a motivação e contação de histórias na sala de aula?
4. De que forma você orienta os professores para contação de história junto ao aluno surdo?
5. Como se dá a aceitabilidade dos professores referente às orientações de contação de história na sala de aula?
6. Quais tecnologias/recursos são utilizadas para contação de história?
7. De que forma essas tecnologias/recursos utilizados na contação de história, contribuem para o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo?
8. Como se dá a interação do aluno surdo durante o processo de contação de história?
9. Relate uma experiência vivenciada sobre contação de história junto ao aluno surdo na sala de aula.

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO APLICADO AO DIRETOR

1. Idade: _____ Tempo de trabalho na direção: _____
2. Formação? _____
3. Antes da direção escolar, atuava em que função? _____
4. Quais são os desafios no processo de recebimento e inclusão do aluno surdo no espaço escolar?
5. Como a instituição promove a inclusão do aluno surdo no ambiente escolar?
6. Quais recursos materiais são solicitados pelos professores à direção para a contação de história a fim de promover a inclusão do aluno surdo no espaço escolar?
7. De que maneira você percebe a relação de convivência do aluno surdo no ambiente escolar?
8. Descreva como se dá a sua relação com o aluno surdo no ambiente escolar.
9. De que maneira as experiências vivenciadas junto o aluno surdo tem contribuído para sua formação pessoal e profissional?
10. De que maneira a família tem se manifestado diante os resultados do aluno surdo na instituição escolar?

APÊNDICE D: PRODUTO EDUCACIONAL

CARTILHA DIDÁTICA

PRODUTO EDUCATIVO

**CONTO DE FADAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): INCLUSÃO
E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Sergiana Maria da Silva Pereira
Edmar Reis Thiengo

PEDRO CANÁRIO-ES
2022

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha foi elaborada a partir do resultado de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizada pela aluna Sergiana Maria da Silva Pereira, sob orientação do professor Dr. Edmar Reis Thiengo que investigaram como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa, e por consequência, nos demais espaços educacionais, desenvolvida em turma de anos iniciais do Ensino Fundamental, em escola municipal de Pedro Canário/ES, por meio do Programa de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré. O objetivo desta cartilha é trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas, adaptados para Libras, na educação e a formação da subjetividade das crianças surdas.

O estudo versa sobre a educação e a inclusão tendo, como tema central, o uso de contos de fadas através das metodologias tradicionais e mídias, como uma importante ferramenta pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Os contos de fadas sempre encantaram as crianças e, ainda hoje, continuam a seduzi-las. Esses contos possibilitam reflexões sobre os problemas interiores de seus leitores e auxiliam a construção da subjetividade infantil. As adaptações dessas histórias para a Libras, Língua Brasileira de Sinais, levam às crianças surdas, não apenas o prazer da fruição dos contos de fadas, mas também os benefícios psicológicos advindos dessas narrativas.

Os contos de fadas adaptados para Libras têm sido utilizados com frequência na educação de crianças surdas. Essas histórias, não apenas contribuem para a formação da identidade dessas crianças, como também estimulam a construção de sua subjetividade.

Com os contos de fadas a criança aprende a ver com algum distanciamento o seu próprio drama e, dessa forma, percebe com mais clareza o que está vivendo. Em geral, todo leitor experiente aproximou-se da literatura de forma paulatina, pelo contato com a literatura oral, exposta de forma prazerosa em seus primeiros anos. E os leitores “iniciantes” aprendem a apreciar narrativas ao ouvir alguém contar histórias. Para muitas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, cujo domínio da Libras é

superficial ou inexistente, o contato inicial com as narrativas orais tradicionais ocorre com um atraso, às vezes, de vários anos.

Como recurso didático, os contos de fadas são importantes para qualquer educador, mas tornam-se imprescindíveis para o educador que trabalha com classes inclusivas. O momento em que alguém conta uma história para um grupo de crianças, é mágico. No início da escolarização, a criança surda ainda não consegue acompanhar a alfabetização do Português escrito. Em geral, isso ocorre por causa do atraso na aquisição da Libras, que deveria ser a sua primeira língua, e também por um descaso político-educacional, considerando-se a carência de métodos eficientes para o ensino de Português como segunda língua a alunos surdos.

Desse modo, o trabalho inicial do intérprete de Libras e do professor surdo é ensinar Libras e auxiliar o desenvolvimento da subjetividade da criança surda. Esses profissionais, em suas práticas pedagógicas, devem apresentar repetidamente, narrativas em língua de sinais a seus alunos surdos. Os contos de fadas, impressos ou filmados em Libras, estimulam no surdo o desejo de conhecer novas palavras e sinais, levando-o a ampliar seu vocabulário em português.

Assim, a intenção dessa cartilha é auxiliar, bem como sugerir aos docentes do 1º ao 5º ano a relevância da contação de histórias para a aprendizagem dos alunos, bem como a necessidade de inseri-la na rotina dos dias de aula.

Espera-se, enfim, que o conteúdo e atividades propostas nesta cartilha, possam contribuir com o trabalho certamente já desenvolvido nas práticas pedagógicas já adotadas pela Escola.

Esse produto será destinado aos professores do Ensino fundamental nos iniciais com orientações e sugestões de atividades voltadas para o ensino dos contos de fadas, impressos ou filmáticos em Libras, seja uma constante na escola, pois desenvolve e estimula o hábito de leitura e, nessa ação, de acordo com a pesquisa, aplica-se a inclusão de aluno surdo.

LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NOS ESTUDOS DE CONTOS DE FADAS

LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais, é a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. Como língua, esta é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática semântica, pragmática sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico de poder e força.

Os contos de tradição oral também têm uma importância extraordinária na formação de leitores inexperientes, crianças e adultos, surdos e ouvintes. Para a criança surda, assim como para a criança ouvinte que cresce em famílias que não cultivam o hábito de ler e contar histórias, o acesso às narrativas familiares (cantigas de ninar, parlendas, orações, casos familiares) é muito limitado. Por isso, contar histórias de fadas em Libras para crianças surdas pode contribuir para sua vida, pois o imaginário desses contos sempre mobiliza temas bem reais.

Dessa forma é importante que o educador conheça os elementos classificatórios identificáveis de uma língua em libras e demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. Foi na década de 60 que as línguas de sinais foram estudadas e analisadas, passando então a ocupar um status de língua. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística. Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como Segunda língua para os surdos.

Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas.

A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição. Nos contos de fadas o herói insignificante, fraco, tolo, que é desprezado por sua diferença ou que, por essa diferença, sente-se isolado, repudiado por sua família ou sua comunidade (como acontece em “O patinho feio”, “A rainha das abelhas” e “As três linguagens”) encontra ressonâncias nas experiências vividas pelo surdo. Assim considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para o

qual o sujeito está inserido, levando-se em conta a noção de sentimento estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade.

Em decorrência do fato de conviverem com a Libras e a Língua Portuguesa, uma condição bilíngue, as crianças surdas se desenvolvem cognitivamente de maneira diferente. Por isso, faz-se necessário o uso de práticas alternativas, para que sejam obtidos melhores resultados em sua educação. A Língua de Sinais LIBRAS conta com uma série de componentes não manuais, como a expressão facial ou o movimento do corpo, que muitas vezes podem definir ou diferenciar significados entre sinais. A expressão facial e corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando mais sentido à LIBRAS e, em alguns casos, de1terminando o significado de um sinal.

O objetivo de despertar nos alunos surdos e ouvintes, maior interesse pela leitura em geral e pela interpretação em língua de sinais. Os contos de tradição oral também têm uma importância extraordinária na formação de leitores inexperientes, crianças, surdos e ouvintes. Para a criança surda, assim como para a criança ouvinte que cresce em famílias que não cultivam o hábito de ler e contar histórias, o acesso às narrativas familiares (cantigas de ninar, parlendas, orações, casos familiares) é muito limitado. Além dos benefícios que traz ao aprendizado, esses contos são modelos com os quais o educando pode se identificar e propiciam contato direto com a grande herança cultural, representada pela literatura oral. De acordo com os Estudos do Imaginário, não é possível separarmos o mito ou a ficção da realidade, pois o imaginário, de acordo com Botelho, “não apenas faz parte da realidade humana, ele a caracteriza e a engendra” (2005, p.87).

O contato da criança surda com os contos de fadas também melhora a fluência na língua de sinais, sua memória e compreensão, não apenas da língua, como também do mundo e de sua identidade. Retomando Botelho (2005), nunca é demais lembrar que a identidade humana é formada por narrativas e ficções.

Nely Novaes Coelho (2008) refere-se à leitura e à literatura como “agentes formadores não apenas de leitores, mas especialmente da consciência de mundo que levará cada eu a se descobrir em relação ao outro, como parte integrante/responsável do/pelo meio em que vive” (2008, p. 130). Tanto no ambiente familiar como na formalidade da escola, o hábito de leitura é indispensável para o crescimento intelectual e cognitivo das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes. E todo investimento em projetos que envolvam a divulgação dos contos de fadas em Libras

e português, reverte em ganhos para o desenvolvimento intelectual e a construção da subjetividade das crianças surdas.

Vale ressaltar que a LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual espacial da realidade. Vejamos alguns exemplos que demonstram exatamente essa independência sintática do português:

Exemplo 1: LIBRAS: EU IR CASA. (verbo direcional) Português: " Eu irei para casa. " para - não se usa em LIBRAS, porque está incorporado ao verbo.

Exemplo 2: LIBRAS: FLOR EU-DAR MULHER-BENÇÃO (verbo direcional) Português: "Eu dei a flor para a mamãe."

Exemplo 3: LIBRAS: PORQUE ISTO (expressão facial de interrogação) Português: "Para que serve isto?"

Exemplo 4: LIBRAS: IDADE VOCÊ (expressão facial de interrogação) Português: "Quantos anos você tem?"

Há alguns casos de omissão de verbos na LIBRAS:

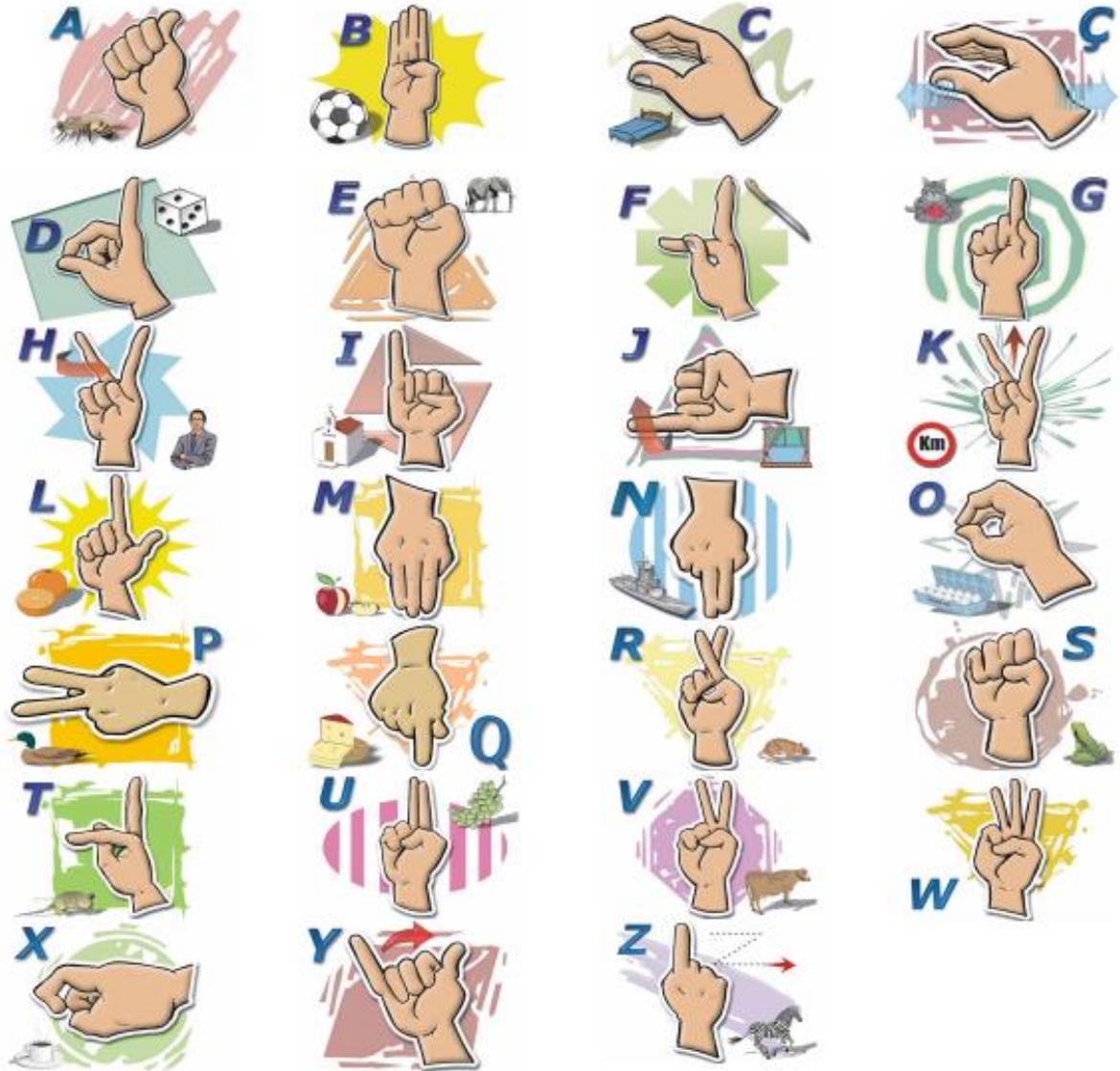
Exemplo 5: LIBRAS: CINEMA O-P-I-A-N-O MUITO-BOM Português: "O filme O Piano é maravilhoso!"

Exemplo 6: LIBRAS: PORQUE PESSOA FELIZ-PULAR Português: "...porque as pessoas estão felizes demais!"

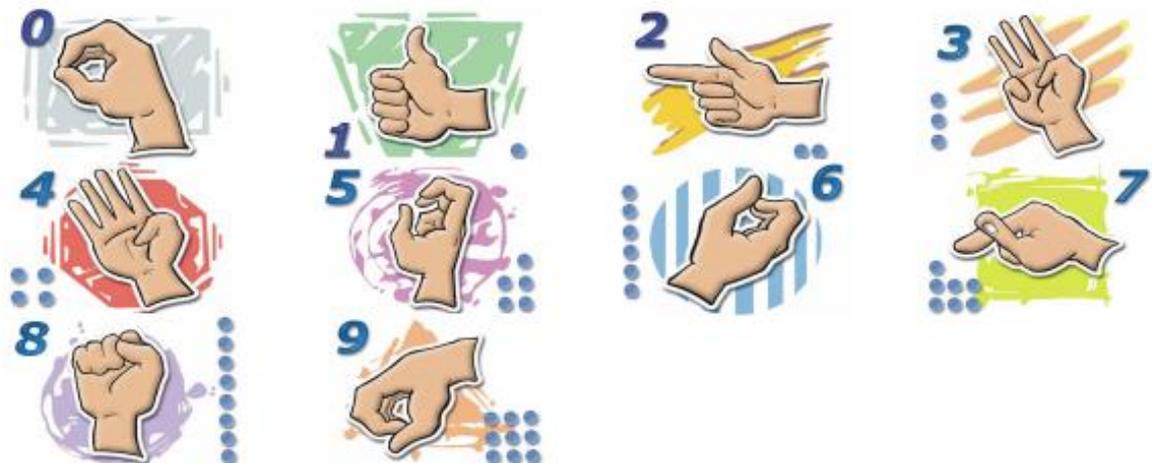
Exemplo 7: LIBRAS: PASSADO COMEÇAR FÉRIAS EU VONTADE... DEPRESSA VIAJAR Português: "Quando chegaram as férias, eu fiquei ansiosa para viajar."

Observação: na estruturação da LIBRAS observa-se que a mesma possui regras próprias; não são usados artigos, preposições, conjunções, porque esses conectivos estão incorporados ao sinal.

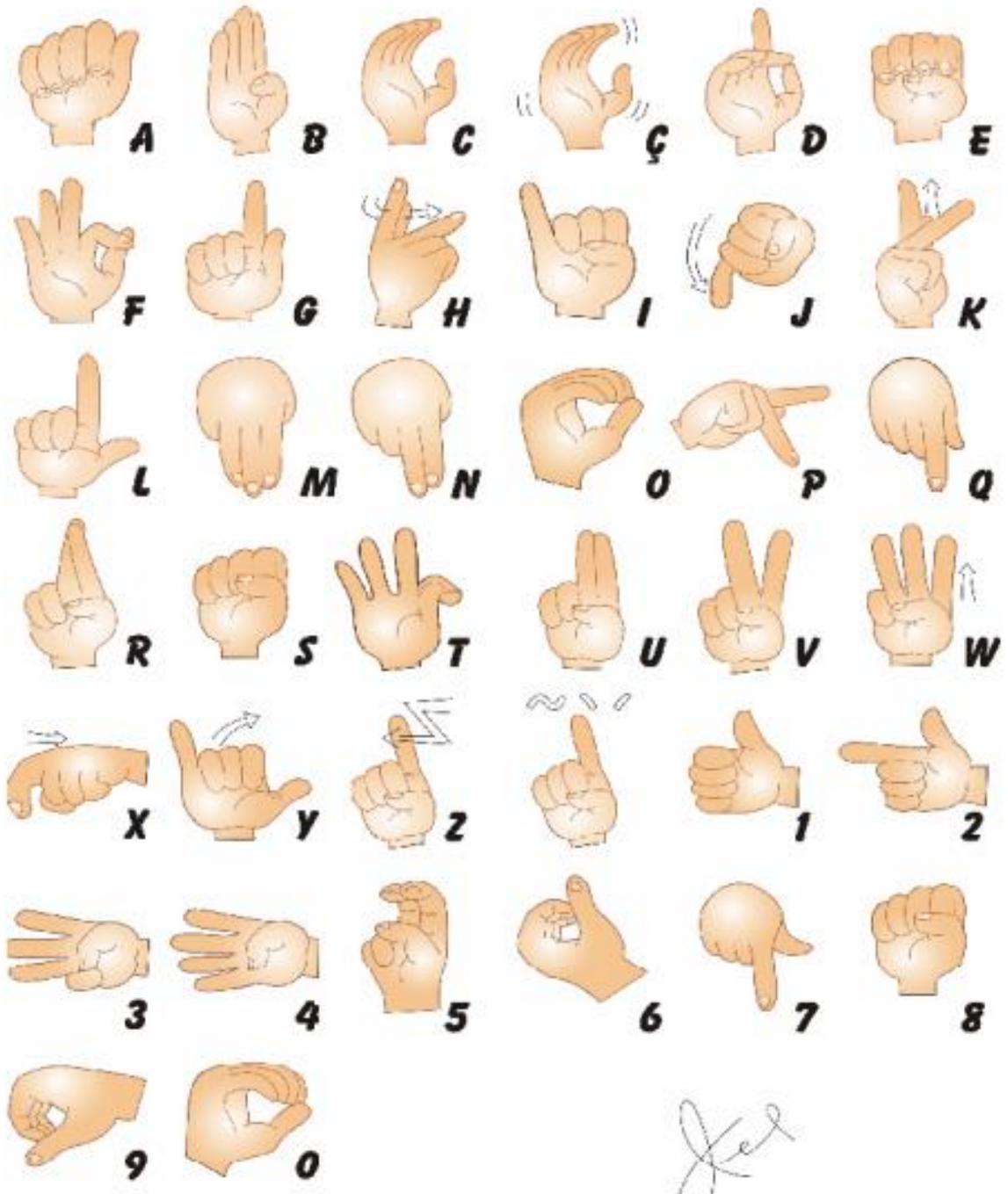
Alfabeto Brasileiro de Sinais



Números:



Alfabeto manual:



CONCEITOS BÁSICOS

A língua de Sinais quebra o bloqueio de comunicação da criança surda o mais cedo possível; Acaba com a irritação da criança surda com relação aos seus familiares quando estes começam a aprender sinais; Pode ocorrer uma comunicação mais rápida e verdadeira, além de Libras, expressar sentimentos, intensidade, clareza, graça e beleza; Quebra o bloqueio de comunicação; Facilita o desenvolvimento do raciocínio lógico do Surdo; Expressa ideias complexas e abstratas; Aumenta o contexto vocabular do Surdo em Sinais; Desperta o interesse pelos fatos da realidade.

Configuração de mão e pontos de articulação: São as formas das mãos que quando ganham movimentos servem para indicar sentido a uma comunicação acessível.

Sistema de Classificação: Serve de Suporte para definir relações existentes na visualização de elementos, produz uma imagem mental do objeto expresso em gestos.

ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS

Nas escolas de Ensino Fundamental, a inclusão dos alunos surdos ocorre por intermédio de um intérprete, que traduz para a Língua de Sinais os conteúdos que o professor ministra e avalia o educando (LIBÂNEO, 1994). Assim, o papel do professor junto com o intérprete é conseguir realizar o processo de inclusão o aluno surdo.

O desafio que se enfrenta na atualidade é transformar a escola de todos para todos numa instituição igualitária, renovando suas práticas educativas para atender à realidade dos desafios que chegam à sociedade, na formação de um cidadão pleno de seu compromisso (PEREIRA; VIEIRA, 2009)

Figura 1: Escola inclusiva na formação do cidadão pleno de direitos e deveres para com a sociedade.



Fonte: A autora (2022)

Em 1988, a Constituição Federal trouxe em seu Art. 208, Inciso III, que o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, deve se dar preferencialmente na rede regular de ensino” (Brasil, 1988, p. 70); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei nº 9.394/96) estabelece que os sistemas de ensino devem assegurar principalmente professores especializados ou devidamente capacitados para atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula.

A aquisição da linguagem por crianças surdas deve acontecer por meio de uma língua visual-espacial, no nosso caso por meio da Libras (QUADROS, 2004).

O processo educacional ocorre mediante a interação linguística e deve ocorrer, portanto, na Língua Brasileira de Sinais (QUADROS, 2003). Quando a criança chega à escola sem linguagem, o trabalho deve ser direcionado para aquisição da linguagem por meio de uma língua visual-espacial.

O currículo escolar no Ensino Fundamental deveria estar organizado a partir de uma perspectiva visual-espacial, segundo Quadros (2004), para garantir o acesso

a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, porque a língua da escola para os alunos surdos precisaria ser, desde o princípio, a Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com o Art. 58 da LDB (BRASIL, 1996), os alunos surdos têm garantidos seus direitos de serem atendidos nas escolas públicas, porém muitos professores, ou na sua grande maioria, não estão preparados para receber esses alunos, e sem esse preparo, por mais que os professores se esforcem e busquem metodologias de ensino-aprendizagem que melhor se adéquem para promover a inclusão, infelizmente podem ocorrer insucessos (QUADROS, 2003; 2004).

Para que o processo de ensino-aprendizagem em salas com educandos surdos ocorra de forma plena, tem-se o papel do profissional intérprete, que medeia esse processo e é facilitador no diálogo professor-alunado (MONTEIRO, 2006).

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras (TILS); esse profissional realiza a interpretação simultânea nas duas línguas (Libras e língua portuguesa) (BRASIL, 2010). Em seu artigo 6º, discorre sobre a função do intérprete:

- I. efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
- II. interpretar, em Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
- III. atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
- IV. atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
- V. prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2010, p. 2).

O profissional deve dominar a língua de sinais e a língua portuguesa. Uma especificidade do intérprete de Libras é seu trabalho na educação, denominado intérprete educacional (IE) (LACERDA, 2006).

O objetivo principal não é apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido

em uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada e, conseqüentemente, eficiente (LACERDA, 2006).

DICAS SOBRE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

- Respeite a identidade cultural e a forma de comunicação de cada pessoa.
- A terminologia adequada é pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva. Não use “surdo-mudo”, porque “mudo” é aquele que não fala, e o surdo pode falar. Mesmo que não seja oralizado (nem todos são), ele pode falar por meio da Libras – língua brasileira de sinais.
- Procure conhecer e, sempre que possível, oferecer recursos que atendam tanto aos surdos usuários da Libras (por meio do tradutor-intérprete) como aos usuários da língua portuguesa (comunicação através da escrita).
- Lembre-se que alguns surdos (mas não todos) fazem leitura labial. Quando for conversar com uma pessoa surda, mesmo na presença de um intérprete, fique de frente e dirija-se à pessoa.
- Para chamar uma pessoa surda use o toque ou outro elemento que chame sua atenção (como acender e apagar a luz do local). Lembre-se que não adianta gritar.
- O importante é entender o que o outro quer dizer. Se você tiver dificuldade na comunicação, peça para a pessoa escrever.

DICAS GERAIS

- Respeite o tempo de cada um para a realização das atividades.
- Respeite o tempo de aprendizado de cada pessoa.
- Reconheça e respeite a individualidade de cada um. Cada pessoa tem o seu jeito, as suas qualidades e os seus desafios.
- Ofereça ajuda sempre que achar que a pessoa precisa, mas respeite se a ajuda for recusada.
- Quando for ajudar, pergunte para a pessoa qual é a melhor forma de ajudá-la.
- Não trate a pessoa com deficiência como um doente. A pessoa com deficiência pode ficar doente como qualquer pessoa e pode também ter uma saúde tão boa ou melhor do que a sua.
- Qualquer tipo de limitação para realizar atividades pode ser minimizada ou até eliminada com a disponibilização dos recursos ou apoios adequados.
- Dê a oportunidade da pessoa dar sua opinião. Quando quiser perguntar alguma coisa, pergunte diretamente para a própria pessoa.
- Trate a pessoa conforme sua idade. Crianças devem ser tratadas como crianças.
- Estimule as capacidades e qualidades que a criança possui. Lembre-se que todo mundo tem seu talento, suas afinidades e seu potencial de desenvolvimento em determinadas áreas de interesse e atividades.
- Nas brincadeiras, estimule os próprios participantes a buscarem soluções para que a brincadeira seja inclusiva. Pare a brincadeira quando tiver alguém excluído e procure, junto com a pessoa e com os participantes, maneiras para que todos participem.
- Perguntar sempre para a criança e para a família se existe alguma restrição para brincar (isso vale para qualquer pessoa)
- Nunca subestime as capacidades de uma criança e nem superestime as suas dificuldades (lembre-se que as dificuldades são provocadas pelas barreiras que existem no meio ambiente e pela falta de apoio ou recursos adequados).
- Respeite o tempo de cada um para realização das atividades.
- Não superproteja a pessoa. Permita que a pessoa dê suas opiniões, participe e tome suas próprias decisões.

- Trabalhe rotinas, seja claro e objetivo nas orientações e sempre inclua a criança nas atividades. Estimule o uso do braile, que é importante para alfabetização, mas lembre-se que nem toda criança surda sabe ler e escrever em braile. Portanto, ofereça soluções que sejam efetivas para a participação de cada pessoa.

PLANO DE AULA - Gênero Textual: Conto de Fadas

Série/ Ano: Ensino Fundamental anos iniciais; Turma que contém criança com Deficiência Auditiva

1. Objetivos:

- Trabalhar a interpretação textual conto de fadas;
- Perceber a relação e a importância das novas tecnologias na vida moderna;
- Desenvolver o raciocínio, a leitura e a escrita.

2. Conteúdos:

- Leitura, interpretação e produção textual;
- Globalização.
- Tipos de frases
- Interpretação linguagens de sinais-Categoria
- Dialogo

3. Metodologia:

1º Momento – apresentação do tema para a turma através da oralidade e também dos sinais com o auxílio de um intérprete de Libras;

2º Momento – Vídeo em data show do texto em tira;

3º Momento – Interpretação escrita do texto visualizado na data show;

4º Momento – Execução da dinâmica dialógica (grupos alunos). A turma irá se dividir em grupo e dialogar, sendo que todos irão dialogar tendo o professor e ou interprete participante. Após essa etapa, os integrantes de cada grupo irão escrever um texto dissertativo falando sobre a importância que o dialogo tem em sua vida;

5º Momento – Os integrantes irão compartilhar os textos com os demais grupos, fazendo leituras silenciosas das construções dos colegas;

6º Momento – Na despedida, cada aluno levará o texto do colega que leu e postará na rede social que preferir.

4. Recursos:

Data show, folha de ofício, caneta, objetos tecnológicos (celular, pendrive, MP4, notebook).

Tipos de frases

Para produzirmos uma frase em LIBRAS nas formas afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa é necessário estarmos atentos às expressões faciais e corporais a serem realizadas, simultaneamente, às mesmas.

- Afirmativa: a expressão facial é neutra. -Interrogativa: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima.
- Exclamativa: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo.
- Forma negativa: a negação pode ser feita através de três processos:
 - a) incorporando-se um sinal de negação diferente do afirmativo:
 - b) realizando-se um movimento negativo com a cabeça, simultaneamente à ação que está sendo negada.
 - c) acrescida do sinal NÃO (com o dedo indicador) à frase afirmativa.

Observação: em algumas ocasiões podem ser utilizados dois tipos de negação ao mesmo tempo.

ATIVIDADES ESTRUTURANDO FRASES A PARTIR DOS DESENHOS EXISTENTES NA HISTÓRIA

ESTRUTURANDO FRASES A PARTIR DOS DESENHOS



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?



O QUE É?	ONDE ESTÁ?	O QUE ESTÁ FAZENDO?

Atividades de Interpretação linguagens de sinais-Categoria: Interrogativos

Diálogo.

- A. OI! TUDO-BOM?
- B. TUDO BO@.
- C. ONDE VOCÊ MORAR?
- D. EU MORAR ESPIRITO SANTO.
- E. POR QUE MORAR ESPIRITO SANTO?
- F. PORQUE PERTO TRABALHAR.
- G. COMO VOCÊ CHEGAR TRABALHAR?
- H. EU CHEGAR ÔNIBUS.
- I. BO@ VER VOCÊ, TCHAU!
- J. TCHAU

1. Pedir que cada aluno faça uma apresentação:

Nome, profissão, o que gosta ou não de fazer, mora com quem...

2. Interpretação: Categoria: Elementos da Natureza

Diálogo.

- A. OI! TUDO-BOM?
- B. TUDO BO@.
- C. VOCÊ VIAJAR?
- D. SIM, EU IR.
- E. LUGAR CLIMA BO@?
- F. SIM, BO@. CALOR, VENTO, SOL.
- G. LUGAR BONIT@?
- H. SIM. TER ÁGUA, MONTANHA, ÁRVORE, FLOR.
- I. CÉU BONIT@?
- J. SIM. LUA, ESTRELA BONIT@ MUIT@.
- K. CHOVER MUIT@?
- L. NÃO. ESPIRITO SANTO CHOVER?

M. SIM. CHOVER MUIT@. FRIO TER.

N. AH! (expressão de surpresa). (olhando para o relógio) PRECISAR IR. TCHAU!

O. TCHAU!

3. Pedir que cada aluno faça uma apresentação:

A. Ontem eu fui ao Zoológico. Eu gosto de ver os animais. Eu vi um leão, um macaco e um rinoceronte. O Clima estava muito bom, tinha sol, vento, nuvens e muitas pessoas passeando junto a seus filhos. Futuramente, quando eu tiver filhos, também vou leva-los ao zoológico.

B. Amanhã preciso ir ao mercado. Na minha casa, está faltando feijão, arroz, ovos e carne. Preciso comprar rápido, porque amanhã minha família vem comer na minha casa. Quero que tudo esteja bom.

C. Hoje eu fui a l-o-j-a. Comprei muitas coisas diferentes, comprei 1 sino, 2 máquinas fotográficas, 1 televisão, 3 rádios. Eu gostei das coisas que comprei, mas minha família não gostou nada. A Noite eu voltei na L-O-J-A e dei tudo para vendedora. Fiquei com muita vergonha.

D. O clima do Estado do Espírito Santo é muito diferente. Hoje de manhã, estava muito calor, o sol estava forte tive que tirar meu casaco e colocar na minha mochila. À noite, começou a chover forte, tinha muito vento, esqueci meu guarda-chuva e cheguei em casa todo molhado.

Avaliação: Ocorrerá mediante a participação dos alunos nas diversas interpretações (orais, gestuais e escritas).

Referências:

SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira; MARCHETTI, Greta Nascimento. EJA 9º ano volume 4. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2009.

PALAVRAS FINAIS

A escola tem o papel fundamental de formar cidadãos proativos para a construção da sociedade. Nesse processo, estão incluídos alunos com deficiência física, visual, auditiva e outras. Porém deficiências não são motivos para que esses cidadãos não sejam considerados como tal.

Com a inclusão escolar, as instituições de ensino têm o dever de matricular todos os alunos, e as esferas governamentais devem garantir o suporte necessário nesse processo para aquelas estarem preparadas para atender a todos os educandos, além de reconhecer o papel do intérprete como mediador no processo de ensino-aprendizagem do educando surdo, no ensino de Libras.

O objetivo desta cartilha foi trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas, adaptados para Libras, na educação e a formação da subjetividade das crianças surdas.

As adaptações das histórias para a Libras, Língua Brasileira de Sinais, levam às crianças surdas, não apenas o prazer da fruição dos contos de fadas, mas também os benefícios psicológicos advindos dessas narrativas.

PARA SABER MAIS SOBRE SURDEZ:

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação de surdos: Ideologias e práticas pedagógicas**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOTELHO, Paula. **Segredos e Silêncios na educação de surdos**. Volume 2, Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LABORIT, Emanuelle. **O Vôo da Gaivota**. São Paulo: Beste Seller, 1994.

LOPES, Maura Concini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, Ivani; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria. **Cidadania, Surdez e Linguagem**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

SKLIAR, Carlos et.al.(org). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOARES, Maria Aparecida L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. **O Sujeito surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Sites:

www.comunicarpib.blogspot.com

www.pibcuritiba.org.br

comunicarpib@yahoo.com.br

especiais@pibcuritiba.org.br

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos-mitos-arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência**. Caderno Cedes, Campinas, v. 26, nº 69, p. 163-184, mai.-ago. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e educação de surdos. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 62-67, 2009.

ANEXOS

ANEXO A: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS PROFESSORAS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A professora (o) Sernanda A Gomes Brito está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulado "DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE DE UMA ESTUDANTE SURDA A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS", conduzida por Sergiana Maria da Silva Pereira. Este estudo tem por objetivo geral discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa ensino fundamental de uma escola pública localizada em Pedro Canário - ES. Sendo que os objetivos específicos (secundários) da pesquisa são:

- Averiguar como a estudante se identifica enquanto pessoa surda (o);
- Avaliar como se desenvolve a subjetividade da criança surda a partir do uso de contos de fadas em libras;
- Propor um guia didático contendo orientações aos professores em como utilizar um conto de fadas em Libras, de forma a incluir estudantes surdos nas aulas de Língua Portuguesa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em abrir as portas da instituição para a realização de um trabalho de produção escrita com professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Esta instituição foi selecionada devido meu vínculo profissional com a mesma. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo ou constrangimento para a instituição com divulgação de informações privilegiadas da qual a pesquisadora teve acesso devido a posição que ocupa na docência na escola.

Há um risco, entretanto, que é comum a todas as pesquisas, a possibilidade de vazamento de alguma informação, mesmo que involuntária e não intencional, assim como a desistência de participantes ou negação em completar a proposta prática da pesquisa (Questionário).

Contudo, esta pesquisa também apresenta benefícios, pois baseando-se nos dados coletados será possível promover orientações para que os professores possam propor ações de intervenção didático-pedagógica na sala de aula.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O (s) pesquisador (es) responsável (es) se compromete (m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo Fernanda A Gomes Brito
 RG _____ Data de Nascimento: 27/10/1981
 Telefone: 12719-96437099
 Endereço: Rua Santa Março Nº 239
 CEP: 29970-000 Cidade: Pedro Canário Estado: ES
 Assinatura: Fernanda A Gomes Brito Data: 22/11/2022

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: Sergiana Maria da Silva Pereira Data: 22/11/2022

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Sergiana Maria da Silva Pereira, via e-mail: sergisns123456@hotmail.com ou telefone: (27) 996863697.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
 SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
 FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA
 ENDEREÇO: NATALINA MUNIZ DA SILVA 538

PEDRO CANÁRIO (ES) - CEP: 29.913-035
 FONE: (27) 996863697 / E-MAIL: seriana123456@hotmail.com



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A professora (o) Sergiana de Souza Lucinda, está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulado "DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE DE UMA ESTUDANTE SURDA A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS", conduzida por Sergiana Maria da Silva Pereira. Este estudo tem por objetivo geral discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa ensino fundamental de uma escola pública localizada em Pedro Canário - ES. Sendo que os objetivos específicos (secundários) da pesquisa são:

- Averiguar como a estudante se identifica enquanto pessoa surda (o);
- Avaliar como se desenvolve a subjetividade da criança surda a partir do uso de contos de fadas em libras;
- Propor um guia didático contendo orientações aos professores em como utilizar um conto de fadas em Libras, de forma a incluir estudantes surdos nas aulas de Língua Portuguesa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em abrir as portas da instituição para a realização de um trabalho de produção escrita com professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Esta instituição foi selecionada devido meu vínculo profissional com a mesma. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo ou constrangimento para a instituição com divulgação de informações privilegiadas da qual a pesquisadora teve acesso devido a posição que ocupa na docência na escola.

Há um risco, entretanto, que é comum a todas as pesquisas, a possibilidade de vazamento de alguma informação, mesmo que involuntária e não intencional, assim como a desistência de participantes ou negação em completar a proposta prática da pesquisa (Questionário).

Contudo, esta pesquisa também apresenta benefícios, pois baseando-se nos dados coletados será possível promover orientações para que os professores possam propor ações de intervenção didático-pedagógica na sala de aula.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O (s) pesquisador (es) responsável (es) se compromete (m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, decidi livre e voluntariamente participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo Leticiana de Souza Loureiro
 RG 1210738 Data de Nascimento 09/01/70
 Telefone 21199235-4743
 Endereço Av. Vila Velha
 CEP 29370-000 Cidade P. Lencóia Estado Estado ES
 Assinatura [assinatura] Data 22/11/22

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador [assinatura] Data 22/11/22

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Sergiana Maria da Silva Pereira, via e-mail sergisns123456@hotmail.com ou telefone (27) 996863697.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
 SÃO MATEUS (ES) - CEP. 29933-415
 FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA
 ENDEREÇO: NATALINA MUNIZ DA SILVA 538

PEDRO CANARIO (ES) - CEP. 29.913-035
 FONE: (27) 996863697 / E-MAIL: seriana123456@hotmail.com

ANEXO B: AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu Margarida Lima ocupante do cargo de Diretora (a) da Escola São João Batista pública localizada na cidade de Pedro Canário/ES, autorizo a realização nesta instituição da pesquisa

"DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE DE UMA ESTUDANTE SURDA A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS" sob a responsabilidade da pesquisadora Sergiana Maria da Silva Pereira tendo como objetivo primário discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda(o), oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa, e por consequência, nos demais espaços educacionais. Salientamos que essa pesquisa, será desenvolvida no Ensino Fundamental, utilizando-se de recursos tecnológicos.

Afirmo que fui devidamente orientada (o) sobre a finalidade e objetivos da pesquisa bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição/ou das pessoas envolvidas inclusive na forma de danos à estima, prestígio/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Pedro Canário ES 22 de Novembro de 2022

Marg
Diretora Escolar
Margarida Lima
Diretora EMEF nº 204/2022

EMEF SÃO JOÃO BATISTA
RUE 321/2022

Assinatura do responsável e carimbo e/ou CNPJ da instituição coparticipante

Coordenadora de Ensino
E-mail: escola@educacao.es.gov.br
Telefone: 27 3761 3744
Anexo Criado Por Nº 2041 de 12/04/2022
Ato de Aprovação CEE Decreto Nº 017 de 22/07/20
Tribunal para Unidade Completa do Espírito Santo
T.O. 2024 de 2024/24 Mudança de Nomeador - R
CEE Nº 118/2024 de 11/02/2024

ANEXO C: AUTORIZAÇÃO DA DIRETORA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A diretor (o) Margarida Pereira, está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulado "DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE DE UMA ESTUDANTE SURDA A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS", conduzida por Sergiana Maria da Silva Pereira. Este estudo tem por objetivo geral discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda(o), oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa ensino fundamental de uma escola pública localizada em Pedro Canário - ES. Sendo que os objetivos específicos (secundários) da pesquisa são:

- Averiguar como a estudante se identifica enquanto pessoa surda(o);
- Avaliar como se desenvolve a subjetividade da criança surda a partir do uso de contos de fadas em libras;
- Propor um guia didático contendo orientações aos professores em como utilizar um conto de fadas em Libras, de forma a incluir estudantes surdos nas aulas de Língua Portuguesa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em abrir as portas da instituição para a realização de um trabalho de produção escrita com professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Esta instituição foi selecionada devido meu vínculo profissional com a mesma. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo ou constrangimento para a instituição com divulgação de informações privilegiadas da qual a pesquisadora teve acesso devido a posição que ocupa na docência na escola.

Há um risco, entretanto, que é comum a todas as pesquisas, a possibilidade de vazamento de alguma informação, mesmo que involuntária e não intencional, assim como a desistência de participantes ou negação em completar a proposta prática da pesquisa (Questionário).

Contudo, esta pesquisa também apresenta benefícios, pois baseando-se nos dados coletados será possível promover orientações para que os professores possam propor ações de intervenção didático-pedagógica na sala de aula.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O (s) pesquisador (es) responsável se compromete (m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo: Margarida Lora
 RG: 12.601.495-05 Data de Nascimento: 29/01/1970
 Telefone: (27) 99923-9274
 Endereço: W. José Augusto da Rocha, 321 Centro
 CEP: 29970-060 Cidade: Pedro Canário Estado: Espírito Santo
 Assinatura: Margarida Lora Data: 22/11/2022

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: Sergiana Maria da Silva Pereira Data: 22/11/2022

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Sergiana Maria da Silva Pereira, via e-mail: sergiana123456@hotmail.com ou telefone: (27) 996863697.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
 SÃO MATEUS (ES) - CEP 29933-415
 FONE (27) 3313-0028 / E-MAIL cep@ivc.br

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA
 ENDEREÇO: NATALINA MUNIZ DA SILVA 538

PEDRO CANÁRIO (ES) - CEP 29.913-035
 FONE (27) 996863697 / E-MAIL: sergiana123456@hotmail.com

ANEXO D: AUTORIZAÇÃO DA PEDAGOGA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A pedagoga Zaira S. Queiroz Silva, está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulado "DESENVOLVIMENTO DA SUBJETIVIDADE DE UMA ESTUDANTE SURDA A PARTIR DO USO DE CONTOS DE FADAS EM LIBRAS", conduzida por Sergiana Maria da Silva Pereira. Este estudo tem por objetivo geral discutir como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda (o), oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa ensino fundamental de uma escola pública localizada em Pedro Canário - ES. Sendo que os objetivos específicos (secundários) da pesquisa são

- Averiguar como a estudante se identifica enquanto pessoa surda (o),
- Avaliar como se desenvolve a subjetividade da criança surda(o) a partir do uso de contos de fadas em libras;
- Propor um guia didático contendo orientações aos professores em como utilizar um conto de fadas em Libras, de forma a incluir estudantes surdos nas aulas de Língua Portuguesa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em abrir as portas da instituição para a realização de um trabalho de produção escrita com professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Esta instituição foi selecionada devido meu vínculo profissional com a mesma. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo ou constrangimento para a instituição com divulgação de informações privilegiadas da qual a pesquisadora teve acesso devido a posição que ocupa na docência na escola.

Há um risco, entretanto, que é comum a todas as pesquisas, a possibilidade de vazamento de alguma informação, mesmo que involuntária e não intencional, assim como a desistência de participantes ou negação em completar a proposta prática da pesquisa (Questionário).

Contudo, esta pesquisa também apresenta benefícios, pois baseando-se nos dados coletados será possível promover orientações para que os professores possam propor ações de intervenção didático-pedagógica na sala de aula.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O (s) pesquisador (es) responsável se compromete (m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome completo Zaira S. Queiroz Silva
 RG MG 6.563.680 Data de Nascimento 30/03/1975
 Telefone 21 9 3463 6549
 Endereço Trav. Manoel Dantas, nº 31
 CEP 29.910-000 Cidade Pedro Leopoldo Estado ES
 Assinatura Zaira S. Queiroz Silva Data 22/11/2022

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador Sergiana Maria da Silva Pereira Data 22/11/22

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Sergiana Maria da Silva Pereira, via e-mail: sergiana123456@hotmail.com ou telefone: (27) 996863697.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
 SÃO MATEUS (ES) - CEP 29933-415
 FONE (27) 3313-0028 / E-MAIL cep@ivc.br

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA
 ENDEREÇO NATALINA MUNIZ DA SILVA 538

PEDRO CANARIO (ES) - CEP 29.913-035
 FONE (27) 996863697 / E-MAIL sergiana123456@hotmail.com